

A Descoberta do Amor

Narrativa
romanceada da
equipe de

Cairbar Schutel

Psicografado por
**Helena Maurício Craveiro
Carvalho**

petit®

Às amigas

Érica Adão Henriques Maria Luzia Piotto gratidão e carinho

Uma Explicação

Minha experiência mediúnica vem desde 1970, quando estava matriculada no Curso de Educação Mediúnica de um Centro Espírita, nesta Capital.

Remonta a essa época meu contato com dois Espíritos Instrutores - Meneses e Osvaldo - que me assessoraram nos estudos, embora sempre tenha havido outros, cuidando do resguardo do ambiente. São ligados ao Espirito Cairbar Schutel, a quem chamam carinhosamente de mestre.

Schutel sempre supervisionou nossa atividade. No início, foram treinos de psicografia que, depois, evoluíram para reuniões de estudo, com hora marcada. Cairbar nos sugeria as obras a estudar (a partir das de Kardec) e aparecia com frequência durante os estudos para avaliar e opinar.

A partir das pesquisas bibliográficas, punha-me a escrever sobre o tema estudado, enviando artigos e reportagens para os jornais espíritas.

São desse tempo as colaborações (durante sete anos seguidos) nas edições dominicais do Diário do Grande ABC. A matéria publicada na Coluna Espírita era produzida sob inspiração e vigilância desses mentores.

Lembro-me de que Schutel recomendava sempre a escrita simples, sem preciosismos, principalmente nas plaquetas dedicadas as Escolas de Educação Mediúnica.

Era habitual o comparecimento de Cairbar, ao cair da noite, para avaliar o que havíamos produzido pela manhã. O primeiro volume que psicografei foi o *Deus Castiga?*, que atualmente encontra-se no prelo (FEESP) para uma segunda edição revista e ampliada. O segundo - *O Retorno de Martine* (Lake, 1976).

As histórias que me foram ditadas vinham com a recomendação: eram novelinhas para estudo da reencarnação.

1

Naquela manhã paulistana de fim do ano 1952, Amélia, estremunhada, levantou-se com dificuldade, devido à forte dor nas costas. Estivera, na noite anterior, costurando umas roupas para as crianças até altas horas e a máquina de costurar lhe acarretava sérias conseqüências para a coluna vertebral.

Era de praxe, no entanto, a valentia matutina, aquela coragem que raramente a abandonava e p gosto decisivo pelas lutas contra as dificuldades do lar e da família.

Seu marido João habituara-se com essa valentia, esse traço nobre. Jamais a surpreendera em queixumes, *dói-me aqui, dói-me ali*. Em termos de reclamações, não havia mulher em casa. Assim, vangloriava-se ele aos colegas de fábrica, sempre tão enredados em tramas de doenças e principalmente de desajustes provindos de falatórios e *disse-que-disse* entre suas esposas e mulheres da vizinhança

Ele considerava tudo aquilo "indício de má educação" e se proclamava, com vaidade, homem feliz.

E verdade que, certa vez, assistira perplexo a um lance desassombrado de parte da companheira. Sua pequena filha Aurora, de pouco mais de seis anos, fora perseguida por um rapaz desequilibrado, de família vizinha, o qual a colocara em pânico, pelas ameaças descabidas, de caráter menos digno. A criança, temendo uma repetição dessas agressões verbais, recusara-se a sair à rua durante largo tempo, ocultando-se, apavorada, quando escutava a voz tonitruante do vizinho agressor, temendo que o imprudente lhe invadisse a casa, executando as ameaças e os desmandos.

Nessa ocasião, sim. Corajosamente, a mulher tomara todas as providências cabíveis, que ele testemunhara, atônito, mas cordato, como um mero espectador.

- Como foi que vocês resolveram aquele caso com sua menina e o rapaz vizinho, ó Moreira? - perguntaram- lhe os colegas.

- Minha mulher tomou uma atitude correta, sabe? Foi diretamente ao moço e convidou-o a vir à nossa casa e a almoçar conosco.

Após se entreolharem, a gargalhada espoucou, de todos os lados.

Depois, as perguntas intempestivas:

- Ora, que é isso? Por quê? Ele não estava ameaçando sua filha?

- Por isso mesmo, por isso mesmo. Minha mulher insistiu... Eu também dei o contra, no princípio...

- Que bobagem. Era eu, hem?

- Ah! Comigo também não havia de ser assim...

- Nem comigo. Então, a pessoa persegue um membro da família, e eu ainda vou ter paciência?...

-E... vou ter dó?

- Convidar para almoçar?

Os comentários dos colegas eram drásticos. Não se conformavam com aquela atitude que classificaram como tola, absurda até.

Mas João, intimamente agastado com aquele julgamento apressado, explicou-lhes, com voz um tanto alterada:

- Esperem. Deixei que Amélia tomasse conta de tudo porque tem bom senso.

Os companheiros ainda não se conformavam.

- E você chama a isso de bom senso? Agradar o indivíduo que persegue a própria filha e ameaça a sua segurança?

Alguns fizeram coro:

- Ah, é... assim também não!

Nervoso, Moreira levantou as mãos para a pequena assembléia e explicou-lhes:

- Calma, calma. Vocês estão acostumados a ver todo mundo reagindo aos trancos e barrancos... retribuindo na mesma moeda, não?

- Se o indivíduo "pede"... a gente dá o troco - falou um deles, afoitamente, aguardando a gargalhada geral.

Depois, continuou, com voz divertida:

- Ou você quer que a gente dê uma de bonzinho?...

Agastado, Moreira interrompeu-o secamente:

- Respondam-me, então: o que acontece com essa atitude?

Todos quiseram responder simultaneamente.

- No mínimo, morre meia dúzia.

- Ah, já se sabe: é uma verdadeira mortandade.

- Mortos e feridos por todos os lados.

Moreira, contendo-se a custo, diminuiu o tom de voz, disposto a acabar com o clima de desrespeito.

- E vocês consideram isso uma "solução"?

Os companheiros voltaram à algazarra:

- Que solução?

O outro reforçou:

- Quem está procurando isso?

- E — retomou o primeiro —, prá quê?

O outro adicionou:

- Partir para a ignorância, eis o que resta prá gente, num caso destes.

Moreira nada dizia, esperando que decrescesse o vo- zeamento. Aos poucos, diminuíam os apartes e os rostos voltavam a fixar a fisionomia séria do companheiro, contendo-se com dificuldade. Finalmente, pôde prosseguir.

- Vocês só sabem dizer que não toleram, que não permitem, e coisas do mesmo naipe.

- É... e que você esperava? - aventurou-se, desenhado, um deles.

Os outros, interessados subitamente, pediram silêncio, para a fala do colega.

- Mas, se não tomarmos uma atitude que possa interromper essa loucura toda, em lugar do ponto final, só conseguiremos agravar a situação. Nunca chegaremos ao alívio, à paz...

Moreira escolhia as palavras, fazendo-se muito digno.

Os homens se entreolhavam e alguns principiaram a sacudir a cabeça, como se estivessem entendendo e aprovando.

Satisfeito com a reação, o operário inflou o peito e continuou procurando os vocábulos acertados, para definir bem seu ponto de vista. Gostava de falar difícil, utilizar termos inusitados. Cada franzida de sobrolhos, evidenciando falta de compreensão imediata, traduzia-se para ele numa pequena vitória interior. Sentia-se mais preparado que a maioria. Não foram em vão aqueles anos de infância e pré-adolescência passados no lar do médico bondoso, enquanto sua mãe cozinhava para a abastada família mineira. Habitara-se à mesa farta e à linguagem mais rica, num contraste brutal com a dos que viviam "lá fora".

- É evidente que não podemos confiar totalmente numa pessoa assim - continuou ele. — Dai, o bom senso de minha mulher, funcionando novamente.

- E que fez ela? - perguntaram todos a uma só voz.

Satisfeito com a ampliação do interesse, o condutor da palestra explicou, triunfal:

- Foi convidar também sua mãe. E sabe por quê?

- Continue - pediu um deles, como se o fizesse por todos.

- Porque Amélia suspeitou que o rapaz não tivesse boa saúde mental. E, para evitar qualquer reação violenta e inesperada, achou interessante levar a mãe, também.

- E daí? - argüiu o companheiro.

- Resultado positivo. Tomaram-se nossos amigos.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

- O jovem era, de fato, deficiente - isso a boa senhora explicou-nos com detalhes - e, tratado assim, com carinho, inclusive por nossa filha, que também foi preparada para desculpar suas atitudes e tomar-se bastante solícita com ele, tudo voltou à calma anterior.

- Que final de história de fadas - brincou o mesmo aparteador, sorrindo e batendo nas costas do companheiro, enquanto todos se dispersavam, cada qual para seu setor, pois a sirene conclamava-os para o trabalho, coincidindo com o término do pequeno debate.

Quem o ouvisse falar, assim, elogiosamente, da boa esposa, diria tratar-se de alma bastante evoluída e defensora também das mesmas convicções de Amélia.

Entretanto, a revolta contra tudo e contra todos acom- panhara-o sempre. Aquela vida sacrificada, de operário, aquela insegurança contínua, o temor do desemprego súbito, a carência do fundamental, com freqüência e não somente do supérfluo, constituíra constante fonte de reclamações veementes, agora sufocadas por um brio súbito.

Depois de anos de inconformismos e pronunciamentos intempestivos que terminavam por gerar em casa um clima de conflito, Moreira, finalmente, aprendera a controlar-se, guardando, entre os lábios cerrados à força de uma obstinação raivosa e inflexível, toda a revolta que expandira sempre, até ali, ao sabor dos mínimos estímulos.

Um rancor mudo passara a ensombrar-lhe a mente, reduzindo-o a uma figura de aparência. Gostava de fazer-se superior, fino, e, entre esses testemunhos, demonstrava continuamente aos colegas a compreensão profunda sobre assuntos espirituais que não endossava mas também não contradizia, para não contrariar a esposa desde há muito cultivadora dos conhecimentos e normas espíritas, fato que a subsidiava nas resoluções evangélicas e vitoriosas, em termos de existência.

Ele ficava intimamente insatisfeito, sentindo-se lesado na sua força de chefe de família, com

aquela mulher a comandar tudo sem parecer que o fazia, a deliberar e convencer todos, inclusive ele mesmo, que terminava por dar-lhe razão.

Os anos de convivência fizeram-no envergonhar-se de ser como até ali havia sido e passara a um comportamento menos prolixo em queixas e reclamações.

Já não tinha coragem, como antes, de chegar à esposa com a crítica veemente ao colega promovido de súbito para um cargo mais rendoso, o qual, no seu modo de entender, nada fizera para merecê-lo. Sua revolta agora ficava represada e apenas uma exasperação surda acompanhava seus gestos pesados e grosseiros.

A mulher já o entendia e, fazendo sinais aos filhos para que "deixassem papai sossegado", procurava amenizar aquelas constantes tempestades internas que, por seu empenho, não chegavam mais a exteriorizar-se.

Com tal contenção nas horas de crise, a atmosfera espiritual da casa melhorara sensivelmente. Isso transmitia a Amélia um agradável sabor de vitória

As discussões e murros sobre a mesa, os berros intempestivos, toda a barulheira advinda dessa explosão de inconformismo havia sido erradicada. No panorama ameno, permanecia agora apenas a garrulice natural das crianças.

Apesar dos estímulos grosseiros que o ameaçavam com freqüência, o próprio chefe da família sentiu-se gratificado por essa disciplina velada.

E, pelo menos exteriormente, no seu comportamento social, revelava, desde há algum tempo, uma imagem bastante aceitável.

Era respeitado no trabalho, conquanto não conseguisse disfarçar bem a revolta surda e a inveja profunda dos patrões e dos colegas que ocupassem postos mais significativos.

O fogareiro de álcool, aceso àquela hora da madrugada, fazia sua oferenda modesta à luta do casal, que se iniciava diariamente com o mesmo ritual.

Moreira dispensava o pão, preferindo o café puro, pois logo mais se disporia encorajado perante o prato de comida que sua velha mãe, vizinha da fábrica em que trabalhava, oferecia-lhe no horário do almoço.

Amélia chamou-o:

- João. Está pronto, venha.

O marido, contudo, não lhe respondeu. Chamou-o novamente. Silêncio.

Veio até a porta do quarto, onde escutou um rumor que não conseguiu identificar.

O que viu no quarto, porém, assustou-a, deixando-a como que petrificada.

- Que é isso? - gritou.

2

A luz fraca do quarto era uma agravante na avaliação do nível econômico da família. Modesta, poderíamos dizer, até, modestíssima era a condição de vida dos Moreiras.

A mobília, comprada numa casa de móveis usados, bastante rústica, recebia do trabalho devotado de Amélia, contudo, a máxima atenção. Todavia, apesar da limpeza e dos cuidados, não havia ilusões para quem olhasse pela primeira vez aquela casa: tudo ali indicava a pobreza, a dificuldade financeira em que viviam.

Amélia gritara, ao avistar João caído, tentando er- guer-se.

O guarda-roupa aberto e algumas roupas tombadas denunciavam o esforço de Moreira, segundos antes, ao escorar-se para evitar a queda.

Amélia precipitou-se para o marido com a intenção de erguê-lo, enquanto lhe fazia mil perguntas que ele não conseguia responder, embora seus olhos, desmesuradamente abertos, tentassem a todo custo explicar-lhe a situação.

Com grande dificuldade, a mulher conseguiu arrastá-lo um pouco, na direção da cama. Contudo, o marido, parecendo piorar, fechara os olhos, emitindo agora um ronco estranho que lhe saía das entranhas, como se fora um animal feroz. Apavorada, Amélia gritou pela garota que dormia no pequeno quarto ao lado, em companhia do irmãozinho.

- Aurora! Aurora!

Acordando sobressaltada, a garota ainda esperou um terceiro chamado, como se duvidasse do que ocorria. Ele veio ainda mais carregado de angústia.

- Aurora! Corra!

Ao chegar à porta, deparou com a cena da mãe em desespero, procurando amparar o pai em seus últimos estertores.

Nunca poderia atinar com uma cena daquelas, quem aos seis anos jamais passara por coisa alguma semelhante.

Assustada, precipitou-se para ambos, ali no chão.

- Mamãe. Papai. Que foi? Que foi? Papai, pai, fale, ande. Levante-se daí.

Aos poucos, ia percebendo que, agora, o pai é que se encontrava em situação difícil e a mãe o amparava. Virando-se para ela, perguntou-lhe, aflita:

- Que é, mamãe? Que tem o papai?

Nesse mesmo instante, outro grito e choro ouviu-se junto à porta. Era o pequenino, de pouco mais de dois anos que, acordado com o alvoroço, conseguira saltar do berço e procurar a fonte daquele tumulto.

Amélia, diante da situação, procurou forças maiores, invocando a imagem de Jesus e pedindo-lhe a proteção.

Conseguiu balbuciar.

- Calma, calma. Vamos ter calma. Não é nada, filha. Acalme seu irmãozinho. Leve-o para a cama. Depois...

A menina aguardava o término da frase.

-... Depois, venha cá. - A voz saíra-lhe inconsistente, quase num sussurro, como se houvesse obtido a confirmação do inexorável.

Sim, Moreira estava morto.

Quando a menina voltou, recompondo-se, deu-lhe a ordem com voz equilibrada.

- Escute, filhinha. Ponha seu casaco e vá bater à porta do seu Marcolino, aí do lado. Você encontrará alguém lá, mesmo que ele já tenha ido para o serviço. Chame qualquer pessoa da casa.

- Que é que eu digo, mamãe?

-Diga-lhes... bem, nada, nada, peça-lhes para virem aqui o mais depressa possível.

A menina ainda queria perguntar mais, porém, um olhar decisivo da mãe fê-la mover-se rapidamente.

Aurora jamais saíra à rua àquela hora. Temerosa, colocou a cabeça fora do portão e olhou a rua deserta. No céu, as estrelas ainda lá estavam resistindo à aproximação da luz do dia, pachorrenta e preguiçosa.

Esperou que um homem passasse, em marcha acelerada e desandou numa só corrida até o portão da pequena casa vizinha. Ali, temendo a investida do pequeno cachorro que já a recebia sob uma saraivada de latidos, permaneceu de lado de fora, gritando:

- *Seu Marcolino! Seu Marcolino! Venha cá. A mamãe está chamando, seu Marcolino.*

O cão avivou seus protestos. Imediatamente, uma voz feminina gritou, de lá de dentro:

- Quem está aí? Quem está chamando?

Aurora respondeu:

- Sou eu, dona Zefa. Eu. Olha aqui eu, ó.

- Eu, quem?

- A Aurora.

A vizinha entendeu. E veio, solícita.

- Que foi, filha? Alguma coisa? Onde está sua mãe?

- Lá em casa. Ela... ela mandou chamar a senhora. Não. Mandou chamar seu Marcolino. Acho que o papai. É... qualquer pessoa, ela falou.

A boa mulher ainda perguntou.

- Que aconteceu? Ela está doente?

- Acho... não. Ela, não. É o papai. Está lá. Estendido no chão.

A criatura voltou até a casa, balbuciou algumas palavras a alguém que estava lá dentro e voltou correndo.

Quando entrou, Amélia já havia conseguido arrastar o marido até a beira da cama e colocara-o sentado, de quina, com as costas de encontro à tábua do estrado e a parede. Com o auxílio da vizinha, agora, conseguiriam levantá-lo até o leito, deitando-o.

Silenciosamente, a recém-chegada auxiliou-a nesse mister. Só então aventurou-se à pergunta.

- Que foi, Amélia?

- Ele... ele está morto... parece.

A mulher ajoelhou-se, encostando a cabeça no peito do homem, tentando escutar. Instantes depois, olhou para o rosto angustiado à sua frente.

- Sim... - sussurrou desenhada, sem saber o que falar. Ansiosa, buscava rememorar cenas semelhantes e o que teria já presenciado... Como se comportavam as pessoas em casos como aquele?

Sem se dar conta do que fazia, sentou-se à beira da cama, ao lado do morto, enfiando a cabeça desanimada entre as mãos.

Amélia, por sua vez, conservava-se aparentemente tranquila, mas não era dona de si. Dentro dela, sentia mil e uma sensações, todas desconstruídas, como se um terremoto pusesse a sua alma de joelhos. "E agora, Senhor?" Era a pergunta que fazia ao Ser Supremo, invocando a figura nobre de seu amado Jesus. "Que seria dela e das duas crianças? Como manter-se no mundo, sem o companheiro? E agora?" - repetia-se, fitando silenciosamente a vizinha, sem, no entanto, nada lhe dizer.

Refeita do embaraço, esta observava, calada, Amélia em seu diálogo silencioso. A mudez daquele olhar tocou profundamente a boa senhora

Precisava dizer algo. Tinha de tentar, pelo menos... sim, fez o esforço e a frase explodiu a emoção, atropelando as palavras sussurradas, à guisa de consolo:

- Tenha fé em Deus. Ele haverá de auxiliá-la. Sim, ela seria, certamente, amparada. Nunca lhe haviam faltado os socorros, em qualquer época da vida. Mesmo na ocasião daquela crise no setor têxtil, quando o marido ficara meses e meses aguardando o chamado da fábrica... um chamado que não vinha, que tardava cada vez mais, à medida que os recursos familiares iam-se esgotando, ameaçando-os com o espectro da fome.

Sacudiu a cabeça, censurando-se pela digressão. Aquela não era hora de se perder em recordações, ainda mais que de nada adiantariam essas reminiscências. Que fariam com o corpo? Seria preciso cuidar do enterro, um lugar no cemitério. Outra sensação de angústia, envolveu-a. E agora? Como adquirir os recursos para tudo aquilo?

Atarantava-se com os pensamentos, sem desviar os olhos secos da vizinha, de rosto perdido, também, sem esperança.

Súbito, uma freada repentina e um grito de criança estarreceram ambas, tirando Amélia daquele cismar.

Olhou ao redor de si procurando a filha e gritou:

- Aurora! Aurora! Filha!

E saiu, em desespero, na direção da mãe.

O grito da criança e o ranger do caminhão, na freada repentina, resultaram na corrida intempestiva de ambas, sob o chamado angustiante da mãe:

- *Aurora. Onde está você, minha filha?*

Ao chegarem esbaforidas junto à calçada, já o motorista do caminhão havia descido e levantado a garota, dizendo aturdido:

- Não foi nada. Graças a Deus. Ela caiu, só. Atravessou correndo, na frente... - olhava uma e outra das mulheres e olhava a criança, adiantando-se na explicação.

- Ela correu... Não devia fazer isso. Sabe como é. Eu me assustei. Foi só o susto, é, foi isso.

A garota chorava baixinho e, já no colo da mãe, esfregava o rosto molhado no ombro de Amélia, soluçando.

- Está bem, está bem...

Olhando para o homem desajeitado, confiou-lhe.

- Ela está transtornada, sabe?

A vizinha completou:

- O pai está lá dentro. Acaba... de falecer.

Desajeitado, pesaroso, o homem prontificou-se.

- Precisam de ajuda? Posso? - E fez o gesto de entrar, aguardando ainda o convite por parte das mulheres.

A vizinha indagou com o olhar a dona da casa, que compreendeu.

- Sim, entre, senhor, entre...

E antecederam a criatura que, instantes depois, ao estacionar o pesado veículo, enveredou corredor a dentro, surgindo desajeitado, boné nas mãos, junto à porta, aguardando novo convite para entrar.

Somente quem conhece as providências de que é capaz a Espiritualidade Maior, no arranjo das "coincidências" necessárias, será capaz de entender o mecanismo deste aparente incidente.

Quando Aurora viu que a vizinha auxiliava a mãe a colocar o pai deitado sobre o leito e escutava a sentença do consumado, correu para fora e, chorando, sem saber o que fazer, permaneceu alguns minutos indo e vindo de um lado a outro, na frente da casa, como que aguardando a chegada de alguém.

Justo na hora que deveria cruzar por ali o caminhão de carga de Gervásio, pareceu-lhe enxergar, do lado oposto da rua, um vulto que imaginou ser do vizinho da frente. Sem atinar para o que fazia, atirou-se em correria, pela rua, havendo feito com que o motorista, temendo apanhá-la, brecasse com estrépito o caminhão. O susto fê-la cair.

Tudo poderia indicar tratar-se apenas de uma coincidência. Mas já não pensaremos assim, quando averiguarmos que, por incrível que pareça, o homem surgido como que por encanto era um primo distante, morador numa velha fazenda de Minas Gerais e que fazia aquela viagem pela primeira vez, estando no momento em busca da estrada velha que o conduziria a uma das cidades nas imediações da Capital.

Meio a contragosto, ele chegou até o leito mortuário e olhou aquele rosto já sereno. Teve um sobressalto. Alguma coisa, naquela fisionomia, parecia-lhe contar fatos já ditos e ouvidos.

- Escuta, dona. A senhora me perdoa. Mas... como se chamava o falecido?

- Moreira.

O rosto do outro alargou-se em surpresa e, mais do que rápido, revidou:

- O quê? E o João? O primo João? É meu primo, dona.

Depois, como que duvidando da própria ligeireza com que chegava à conclusão aparentemente tão inesperada, quis o reforço.

- Espera aí, dona. A mãe dele se chama Glória?

Amélia olhava-o como se duvidasse de tudo quanto

afirmava, mas confirmou, supondo que aquilo de nada fosse valer e que, de uma hora para outra, o homem se desculpasse, dizendo estar enganado.

- É, a mãe dele é dona Glória

O recém-chegado, cada vez mais espantado, prosseguia:

-... E... ela é mineira, da cidade de Campos Verdes?

A dona da casa não lhe dava crédito, continuava ausente, respondendo às perguntas sem prestar atenção.

- Sim, sim - sua voz a traía, demonstrando-lhe a irritação mal contida.

A vizinha é que, dona da situação, percebia o valor daquela súbita identificação que vinha, desse modo, propiciar o auxílio de que tanto necessitavam.

Nem sempre nossa adjetivação é suficiente para qualificar certas atitudes humanas. Esta é uma dessas ocasiões em que tudo quanto se desejar dizer para definir a bondade e consideração do parente subitamente aparecido ainda será pouco.

Simplesmente digna da gratidão eterna de Amélia foi a atitude do primo, certamente enviado pelos Amigos Espirituais da família, para exercer aquela ação de caráter providencial.

Passados dois dias, em que permaneceu entre os parentes recentemente descobertos, Gervásio despediu-se, seguindo o caminho anteriormente traçado.

Dona Glória não costumava levantar-se muito cedo, embora sempre o houvesse feito durante toda sua vida. No entanto, cada vez que agora, depois dos seus sessenta e cinco anos bem vividos, ameaçava deixar o leito muito antes de cumprir suas horas necessárias de repouso, suas pernas logo se rebelavam e as varizes cobravam-lhe juros altos, fazendo-a voltar ao "castigo" antes da hora. Sim, porque, às criaturas habituadas no trabalho, o leito, fora dos momentos especiais para repouso, significa, mesmo, quase que uma prisão.

4

Permanecia, pois, sempre além das sete, dando tempo ao velho organismo para os reequilíbrios necessários.

Aquela manhã, em especial, sentia os pés formigando e um ardor um tanto mais vivo do que o habitual, principalmente porque lhe parecera haver andado muito, léguas e léguas, durante um sono esquisito, em que encontrara tantas pessoas que iam e vinham em azáfama desconhecida e que ela procurava acompanhar, tentando descobrir o motivo daquele movimento.

O sonho deixara-lhe um sabor de mistério e a sensação da inutilidade de seus esforços, como se uma força inexorável arrastasse todas aquelas figuras que encontrara, sem dar-lhe explicação de coisa alguma

Agora, já refeita do que presenciara na atmosfera onírica de momentos antes, colocou o pensamento nos deveres do dia-a-dia, nas providências que deveria tomar para o preparo habitual do almoço que servia diariamente ao filho.

João comparecia impreterivelmente às dez e cinqüenta. A velha criatura acomodara-se com a incumbência. Sentia-se até bastante gratificada com a presença diária do rilho.

Aguardava, naqueles instantes, que o relógio soasse as oito, para começar a aprontar-se, a rim de ir à quitanda, situada duas casas além da sua.

Do leito, viu quando o rilho entrou, empurrando a porta da entrada e dirigindo-se diretamente para os fundos.

— João — chamou. Mas não obteve resposta

Uma chegada inesperada, àquela altura - observou consigo mesma

Naquele horário jamais esperaria a visita do filho. Ele sempre chegava para o almoço, alguns minutos após a saída da fábrica

A casa onde residia caíra-lhe dos céus, quando viera de Minas, recém-viúva, para morar na Capital. O rilho trabalhava já há anos naquela indústria e foi ele quem lhe encontrou a pequena residência que foi imediatamente alugada.

- João - chamou de novo.

Como não obtivesse resposta, resolveu levantar-se, com certa dificuldade e encaminhou-se até a cozinha. Lá, deparou com a porta aberta, mas não encontrou viva alma Pensou que talvez se houvesse esquecido de trancar a porta, agora escancarada pela ventania da noite. O cachorro, preso pela corrente, abanava o rabo, festejando-lhe a presença.

- Onde está o João, Manolo?

O cão levantou-se e chegou até ela, cheirando-lhe os chinelos.

Certa de que se enganara, voltou aos cômodos da frente, encontrando, desta vez, a porta bem fechada

Não se passou uma hora e escutou, junto do pequeno prédio, ruído de um carro estacionando e pessoas que falavam:

- É aqui. Veja o número. Duzentos e trinta. Dona Glória é o nome dela.

Assustada, foi-lhes ao encontro antes mesmo que batessem palmas. Como que adivinhando,

peiguntou-lhes, muito pálida:

- Que foi? Aconteceu alguma coisa?

A mulher vinha acompanhada de dois homens. Dona Glória reconheceu-a. Era a vizinha do filho, da rua C.

Prontamente, ligou os fatos estranhos daquela manhã e deduziu:

- Aconteceu alguma coisa com meu filho? O João? Onde está ele?

A pobre mulher nem bem viu as pessoas que a procuravam e já captou todos os acontecimentos. Em lugar de esperar que lhe dissessem, adiantou-se falando-lhes como se estivesse em estado de sonambulismo.

5

- Foi o João, não foi? O coração dele? Jesus, eu sabia. Alguma coisa me avisava - E, com mão trêmula, amarfanhava o vestido, junto ao peito, como se uma dor súbita a atingisse.

Os três entraram, procurando confortá-la, dando-lhe uma dose de calmante, que a recém-chegada soube logo descobrir.

Passados os instantes de maior impacto, dona Glória ficou sabendo da chegada inesperada do primo distante que ela depois reconheceu como filho de um outro primo seu, já desencarnado.

- Foi Deus quem o colocou em nosso caminho, numa hora tão triste, primo Gervásio. Ele sabe o que faz.

Não tendo visto o companheiro de trabalho chegar à hora costumeira, Edvino sussurrou ao colega do lado, logo pela manhã, no início do trabalho:

- Algo deve ter acontecido. Nunca o vi falhar. Que seria? Vou dar um pulo até a casa da mãe dele, na hora do almoço.

Chegou a tempo de ver a boa senhora afastando-se num carro com outras três pessoas.

Fez-lhes sinais que não foram percebidos. Aborrecido com o desencontro, retomou ao serviço com o coração apreensivo. Após o almoço, ao voltarem os operários para o setor das máquinas, chegou-lhes a notícia, transmitida pelo encarregado da seção.

A tarde transcorreu triste e lenta. Todos sentiram a perda do companheiro.

Em casa da família Moreira, a desolação havia tomado conta de todos. Menos do pequeno Joãozinho que, alheio àquela situação, continuava suas brincadeiras usuais.

Muitas das ocorrências de nossa vida trazem-nos como conseqüência um novo alento para o nosso espírito. Cada um de nós necessita, muitas vezes, dessas sacudidelas enérgicas, para o desvinculamento de certas situações que nos mantêm aprisionados no comodismo, na vida sensorona do pouco-fazer, do deixar-se levar.

A vida de Amélia resumia-se na dedicação ao lar e às crianças. Até o presente momento nunca fora assalariada, nunca abraçara emprego externo. Ela não conhecia o lado áspero da conquista do pão de cada dia, confiando isto totalmente ao esposo. Este, apesar de ganhar pouco, trazia-lhe para o uso da casa até o último níquel, tudo quanto recebia nas suas jornadas diárias, onde figuravam com freqüência as horas extras.

Agora, diante daquela conjuntura, Amélia via-se na iminência de tentar tarefa semelhante à do marido, uma vez que a aposentadoria, conquanto legítima, não lhe traria o total do que necessitava.

O golpe duríssimo infligia-lhe perda dupla: a humana e a material, que, certamente, lhe haveriam de pesar dali para a frente.

Tudo isso lhe passava pela cabeça aumentando a dor da provação. Como poderia tomar conta dos dois pequenos, se teria, forçosamente, que deixar a casa para buscar o trabalho fora?

Mas a noite é boa conselheira e, embora houvesse demorado a chegar, a hora da conciliação para sua alma soou, transcorrida uma semana após o desenlace lamentável.

O sonho foi real, não poderia ter deixado de ser. Num jardim florido, ela se encontrou com vultos amigos que depois não saberia reconhecer e deles ouviu as frases de conforto que tanto esperava.

Depois desse estímulo haurido no Plano Espiritual, Amélia sentiu-se fortalecida e ansiosa por novos empreendimentos.

Saiu logo pela manhã à procura de emprego.

Para a guarda das crianças, deixava dona Glória que, naquela contingência, havia condescendido em mudar-se para lá, no início de 1953, quando findara o contrato de aluguel de sua casa, a fim de auxiliar a nora naquele reinício de existência

Sem a mínima experiência, pensava Amélia, não lhe seria fácil a admissão em um bom lugar.

Todavia, munindo-se dos documentos imprescindíveis, não sem antes haver feito sua prece pedindo ao Mestre, a quem tanto amava, auxílio para tal empreitada, foi direto à indústria onde trabalhara o marido.

Recebida pelo encarregado da seleção de pessoal, não teve grandes dificuldades em ser admitida, embora não estivesse habilitada para nenhuma das vagas. Porém, uma criatura, que ali trabalhava já há tempo, ofereceu o seu lugar de copeira para a nova colega, desde que, ela própria, já conhecedora de um dos serviços constantes na lista de vagas, pudesse ocupar um dos cargos novos, certamente cotado para melhor salário.

Para ambas, o acerto resultou magnífico. Feliz pela oportunidade, Amélia retomou exultante para o lar, ansiosa para contar à sogra tudo quanto se passara.

No trajeto de casa, ao subir no ônibus que a levaria até a esquina de sua residência, teve a atenção atraída para uma mulher de cabelos tintos, que dividia o banco onde se assentava com outra criatura cuja fisionomia lhe trouxe uma vaga lembrança de algo do passado.

De que seria, mesmo?

Durante todo o trajeto, fixava-as discretamente, como se, com aquela insistência, conseguisse desferrolhar o que a memória teimava em manter preso.

Súbito, um clarão se fez: as mulheres traziam-lhe o passado de volta.

6

Com que, então, aquelas não seriam mãe e filha, as famosas Anicettos, moradoras na grande casa de esquina que tanta admiração causava aos moradores da pequena cidade de Santo Antão, quando ela era ainda muito pequena? Não. Deveria haver qualquer engano. Amélia buscava a correta interpretação. Na verdade, se aquelas fossem, de fato, mãe e filha, a senhora estaria agora em idade adiantadíssima. Provavelmente seriam sobrinha e tia, ou mesmo irmãs. Olhava-as tanto que pareceu haver atraído a atenção da mais moça. De fato, a mulher de cabelos tintos voltou a cabeça para o lado, fixando-lhe o olhar de maneira insistente. Não a reconheceu e nem o poderia. Amélia reconhecia-as pelos traços característicos que marcavam toda a família, portadora de nariz adunco e maçãs do rosto proeminentes. Além disso, a testa muito larga e os olhos enormes davam ao semblante uma certa marca inesquecível. Lembrava-se bem desses detalhes.

Intrigada pela presença delas num ônibus (não eram consideradas riquíssimas, acatadas como família de grande poder e ação social?), Amélia - timidamente, mas sob grande curiosidade - resolveu disfarçar e prosseguir observando-as, disposta inclusive a segui-las, onde quer que descessem.

Dois pontos antes de onde ela própria deveria apear, ambas saltaram do coletivo. Amélia fez o mesmo.

Após alguns passos e percebendo que elas a olharam apreensivas, resolveu acelerar a marcha emparelhando-se com ambas e explicando.

- Perdoem-me, minhas senhoras. E que... bem, -eu morei em Santo Antão e pareceu-me que são de lá, não? Da família Anicetto?

As duas, subitamente admiradas com aquele reconhecimento, pararam, encarando a figura pequena e humilde que as seguira.

Eram mulheres finas, podia-se logo perceber. Talvez um exame mais acurado mostrasse as meias já costuradas e os sapatos com os saltos um tanto desgastados e as roupas surradas. No entanto, as maneiras conservavam-se fineis, a fala compassada, os modos graciosos.

Encantaram-se com a presença de Amélia, desde que lhes dava notícias da família, revelando nomes e destinos, depois da mudança.

- E seus pais, Amélia? Você ainda os tem?

- Não, minhas senhoras. Perdi-os ainda há pouco. Eles moravam comigo. E - a sua expressão ensombrou-se -, ainda agora, acabo de perder meu marido.

Convidada para ir até a residência das irmãs, ela declinou, conforme depois julgou bastante lógico, diante do tempo que se passara. Amélia, então, despediu-se dando-lhes, por sua vez, seu endereço e pedindo-lhes que, efetivamente, fossem até lá num *horário compatível* i suas novas obrigações, daquela data em *frente*.

Voltou a pé, refazendo um a *um cada episódio do* (passado com grandes estímulos, *principalmente quanto*, mensagens de encorajamento *do Plano Espiritual*. *O* er contro de amigos e conhecidos, numa *terra estranha e aparentemente* inóspita, representa um *bálsamo para os corações* doloridos em **face** de **perdas recentes**. *As energias amorosas são repostas e a coragem se refaz*.

Em casa, a alegria foi grande, quando conseguiu relatar tudo, em especial o emprego humilde, mas providencial, que lhe aparecia em hora de tanta necessidade.

As crianças haviam retomado seu ritmo de vida normal e Aurora voltara à escola.

Cada um dos lances dramáticos advindos ao ser em reajuste encamatório traz, como conseqüência, uma posterior i distensão, através de períodos tranquilos i de paz e harmonia. Isto, quando a criatura entende as necessidades dos traumas e não se revolta contra a ação justa das Leis Universais. Amélia, acima de tudo, era pessoa altamente evangelizada, dedicando boa parte de sua vida ao estudo da Doutrina dos Espíritos e procurando com todo empenho levar a vida sob a filosofia de Amor e Fraternidade, conforme lhe ensinavam as obras kardequianas.

Aprendera, desde cedo, a não considerar a morte como o fim, mas como uma mudança muito necessária, pelas implicações de caráter redentorial que trazia. Saber e agir de acordo com esses conhecimentos não é coisa fácil. Contudo, Amélia esforçava-se para aplicar tudo quanto aprendia, nos lances do dia-a-dia. Sua sogra, embora não soubesse ainda vivenciar os conhecimentos doutrinários com a mesma capacidade e proficiência, também se esforçava para isso. Daí, a vida relativamente tranqüila e pacífica de ambas.

Cada qual se dedicava à sua parte e ambas recolhiam, na medida do possível, as alegrias do convívio com as duas crianças que cresciam como plantas bem cuidadas, onde não faltavam desvelos e carinho.

A vida passava de maneira normal, se considerarmos que os pequenos transtornos domésticos fazem parte da dinâmica da vida familiar. Pretender extinguir, por completo, todos os obstáculos que nos surgem a todos os momentos é desconhecer a finalidade da existência e o caráter de aprendizado que a justifica.

Muitas vezes, as dificuldades com o orçamento punham as duas em atitudes de reserva, buscando a maneira mais adequada de agir, de manterem a receita resguardada, restringindo, ao máximo, as despesas. Porém, sob o esforço de ambas e a oração diária, pareciam de fato haver aprendido a suprir o necessário com o mínimo.

A infelicidade, ffeqüentemente, é fruto da intemperança Quantos não sabem ainda disso? O desconhecimento de alguns princípios evangélicos, mesmo por parte dos que os estudam de boa vontade mas não conseguem assimilá- los na medida do necessário, traz, como conseqüência, certos deslizes, gerando o desequilíbrio.

Dona Glória, ainda não bem evangelizada, apesar da aceitação do estudo sistemático de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, efetuado em companhia da nora, caiu em uma tentação desculpável, interessando- se pela compra de uma geladeira.

Como não possuíssem ainda essa regalia em casa, Amélia concordou, ante a insistência da outra, com aquilo que classificaria, mais tarde, como uma pequena loucura, uma vez que a receita diminuta não permitia a nenhuma delas, em sã consciência, levar avante tal empreitada.

Ao aparecer a notificação para o primeiro pagamento, já em atraso, pois que a sogra prometera efetuar o acerto pessoalmente ou, pelo menos, avisar à nora para fazê- lo, verificou-se, entre ambas, um atrito sério, pois não havia dinheiro suficiente para saldarem aquele compromisso.

- Está bem. Pode deixar. Amanhã darei um jeito nisso.

E Amélia viu-a erguer-se com dignidade e afastar-se com o rosto fechado.

Assim que a nora saiu, na manhã seguinte, a velha dirigiu-se até a gavetinha dos guardados de Amélia, procurando uma caderneta velha de capa marrom. Ali, após rápida procura, encontrou o endereço que procurava. E, deixando Aurora sozinha, a cuidar do pequeno João, saiu, rapidamente, afiançando à criança de que logo estaria de volta.

Andava rapidamente, parando para ler os nomes das ruas, fazendo uma ou outra pergunta a transeuntes, até que chegou a uma casa pequena mas bonita, de fachada de pedras. No minúsculo terraço, encantou-se com os vasos exuberantes de folhagens, com antúrios enormes, de folhas viçosas e flores modestas.

Antes de tocar a campainha, refletiu um pouco. Como seria recebida pelas criaturas? Ela não as conhecia, embora a nora houvesse dado muitas referências contando alguns casos ocorridos com a

família.

Corajosamente, a velha apertou o botão pequenino, disfarçado num dos rebordos da coluna onde se fixava o portão.

Dentro de segundos, vieram atender à porta.

Um rosto agradável, de mulher fina, apareceu. A voz suave cumpriu seu ritual:

- Pois não?...

Dona Glória viu-se repentinamente sem voz. Tartamudeou alguns sons, até que conseguiu apresentar-se.

-Bom dia, dona Eu sou... Eu sou a sogra da Amélia

A outra não entendeu.

- De quem?

- Da Amélia, lembra-se? Ela esteve com a senhora e sua irmã, isto é... moravam na mesma cidade... sabe de quem se trata?

A outra continuava olhando a recém-chegada, sem compreender.

- Amélia? Que Amélia?

- Amélia Moreira.

Depois, lembrando-se, complementou:

- Amélia Morgado Moreira. Lá de sua terra.

- Morgado? Ah, sim. Perfeitamente. Amelinha. Da família Morgado. Ela esteve conosco um dia destes, há dois ou três meses, talvez mais. É verdade... Mas, entre, entre, minha senhora.

A velha criara alma nova. Aqueles instantes atrás, com a dificuldade do reconhecimento, puseram-na quase em pânico e já se arrependia de haver sucumbido à tentação de vir procurá-las.

- Sente-se aqui nesta poltrona. Vou avisar a Lourdes, minha irmã. Já volto. Com licença.

Momentos depois, a prosa descontraída, e a recém-chegada buscando a oportunidade.

Até que, num dado momento, passou a explicar o móvel daquela visita.

As mulheres prontamente concordaram no empréstimo da quantia estipulada, que, afinal, não era tão alta assim. Praticamente, uma bagatela.

Ao sair, agradecida, dona Glória pediu-lhes em tom de segredo:

- Por favor. Não contem nada à minha nora, sim? Ela não me perdoaria se soubesse que vim importuná-las.

Ao chegar, encontrou a vizinha da esquerda acudindo o pequeno Joãozinho que sofrera uma queda.

. — :Por que o deixou cair, Aurora? Você não cuidou dele direitinho?

A garota escusou-se, tentando explicar que o peralta se pendurara na grade do berço, caindo de boca no chão, motivo pelo qual partiu o lábio superior. Assustara-se com o sangue e correria chamar a companheira da casa ao lado, que inúmeras vezes já os houvera auxiliado.

A noite, quando Amélia chegou, ambas, avó e neta, de comum acordo com avizinha, souberam contar os acontecimentos de tal maneira que ficara escondida a escapada de dona Glória, que prometia a si mesma sair novamente na manhã seguinte para o pagamento da prestação vencida.

8

Mais um mês transcorreu e nesse

ínterim deu-se uma modificação substancial para a vida financeira da família. Aparecera a vaga tão sonhada por Amélia, para exercer função de operária, propriamente dita, o que, em termos econômicos, representava um acréscimo substancial nos rendimentos. Além disso, uma das colegas sugerira-lhe a adesão a um novo trabalho para ser feito em casa, nos domingos e feriados: roupas já cortadas e que vinham aos lotes para a costura rápida. Dona Glória entusiasmou-se com a nova

incumbência, passando a colaborar também efetivamente nos ganhos da casa.

Dessa forma, assim que recebeu seu primeiro pagamento, correu até a casa das duas senhoras, para resgatar sua dívida. Embora a nora nada houvesse sabido, alguma coisa sempre lhe ocorrera cada vez que Amélia pensava na prestação misteriosamente paga pela sogra, numa suspeita remota da procedência da quantia necessária.

Finalmente, um dia, a sogra contou-lhe tudo.

Envergonhada, Amélia não sabia como se apresentar às duas criaturas para agradecer-lhes. Elas eram tidas e respeitadas como família de alto nível, rodeando-as mesmo uma auréola de mito, fator um tanto difícil de ser sobreposto, em se tratando de um relacionamento, mesmo naquele tempo, entre as famílias Anicetto e Morgado, de natureza bastante protocolar, viável em ocasiões especiais, tais como bodas e falecimentos.

Contudo, na condição agora de devedora, precisava ir incontinentemente pedir escusas e afiançar-lhes de que nada sabia.

Num domingo à tarde, procurou-as.

Recebida cortesmente, sentiu-se logo à vontade para expor-lhes o motivo da visita.

- Absolutamente. Nem pense nisso. Tivemos prazer imenso em conhecer sua sogra.

- Ela não deveria...

- Além disso, esta oportunidade é muito grata para nós, pois que, finalmente, podemos recebê-la, não é mesmo, Rosa? Estávamos há muito à sua espera e também fazendo planos para ir procurá-la. Temos tanto a recordar, não acha?

Reconfortada com a gentileza de ambas que procuravam colocá-la tranqüila e confiante, Amélia deixou-se levar pela prosa, trazendo para casa, naquela tarde, uma grata impressão de estima e solidariedade. Esta sensação moveu-a a outras visitas, até que uma amizade sólida ins-aurou-se entre elas.

9

No casarão da esquina, costumava reunir-se, todos os domingos, a família Anicetto. Os filhos e netos vinham de toda a parte, não só da cidade quanto também de fazendas da redondeza.

Quem passasse pela rua nas tardes ensolaradas podia apreciar o movimento, o entra-e-sai da criançada, os grupinhos mais ou menos ruidosos da gente jovem e de meia-idade que ali se unia para comemorar o aniversário de um dos filhos ou dos netos, pois sempre havia alguém em condições de festejo adiantado ou atrasado, como pretexto para festas e comemorações dominicais.

O casal de velhos, rodeado pela alegria dos seus, deixava-se contaminar, apesar da idade, e permanecia horas e horas sentado na varanda, antes e após o almoço que se realizava em torno de mesa enorme e farta.

Amélia, naquele tempo, uma pequena tímida e pobre, apreciava de longe, com os companheiros da mesma condição sócio-econômica, aquilo que alguns mais afoitos na crítica chamavam de "desperdício". Dentro da pequenez de outras vidas, aquela manifestação de opulência soava muitas vezes como uma agressão.

Era essa uma das impressões que perduravam na memória de Amélia, quando se lembrava da família importante e tradicional.

Contudo, nem sempre a existência corre tranqüila. De vez em quando, em horas de tristeza, havia uma certa solidariedade da parte dos vizinhos que lá iam ver o que se passava com a matriarca, sempre com seus achaques de reumatismo e gota, e, às vezes, até com os pequeninos que, ficando adoentados, eram sistematicamente recolhidos à casa dos avós, para uma dedicação ainda maior, no tratamento.

Ao fazer essas visitas de solidariedade, o pessoal da vizinhança era sempre muito bem recebido,

porém, com bastante etiqueta, o que colocava a muitos debaixo de uma constrangedora sensação.

Era como se, naquelas visitas, a barreira que separava a família Anicetto das outras crescesse ainda mais e se tomasse quase intransponível.

Assim, cristalizou-se o mito da riqueza e da inacessibilidade.

Alguns de seus membros, de fato, agiam como criaturas superiores. Não saudavam os transeuntes e evitavam as situações de contato direto. Pareciam comprazer-se na exibição de trajés elegantes, aprimorando gestos e atitudes de conformidade com as normas que regulamentam a vida em alta sociedade.

Donos de fortuna considerável, grande parte da qual depois passara para as mãos dos filhos e cônjuges, os velhos Anicettos viveram anos e anos empolgados pelos próprios interesses, cuidando apenas dos seus, despreocupados principalmente do bem-estar daqueles que os serviam por existências inteiras e constituíam as famílias de colonos de suas inúmeras fazendas.

10

De relance, em casa das Anicettos, i pareceu à Amélia que aquela fotografia Bs&tV" colocada sobre a cristaleira da sala trazia-lhe algo muito significativo. Mas não conseguia atinar com o quê.

Após a primeira visita, voltara para casa mergulhada em cismas, buscando relacionar a foto com o seu estado emocional.

O porta-retrato de madeira com enfeites de prata lavrada exibia um rosto austero, porém simpático, de homem aparentando pouco mais de trinta anos.

Observara-lhe a fisionomia várias vezes, disfarçadamente, a fim de não forçar, logo no primeiro dia, revelações que talvez não agradassem a suas amigas fornecer.

Em casa, tentara recompor mentalmente os traços entrevistados, sem lograr êxito. Era como se algo desejasse retomar-lhe à memória, com insistência.

Dias se passaram até que, certa vez, havendo se deitado exausta, após as costuras que executava todas as noites, ao lado da sogra, como complemento para o ganho da casa, sentiu que um torpor diferente a invadia e, de súbito, vislumbrou um rosto fluídico perto do seu, ao mesmo tempo que percebia sair de seu corpo físico, em repouso, um braço diáfano encaminhando-se na direção do outro que se lhe adiantava, do fantasma incompleto, para juntar-se a este, num aperto de mão cordial e feliz. Seu coração batia descompassadamente e uma sensação rara de felicidade invadiu-a, como se reconhecesse, naquela criatura, uma pessoa muito amiga, a quem, entretanto, desconhecia, nesta existência.

A presença espiritual imediatamente se esfumou, persistindo a sensação de estranha alegria e confiança que a invadira.

No dia seguinte, adiantou-se para o serviço, pensando naquele acontecimento bastante insólito. Recuava ante a idéia de contá-lo a qualquer pessoa, pois conhecia a reação costumeira e a frase comum: "você está louca".

No entanto, havendo prometido a uma das irmãs Ani- cettos o nome de um remédio especial contra úlceras, nome esse que andava repetido de boca em boca, por toda a indústria, retornou à casa das conterrâneas portando o prometido.

Ao ser recebida novamente na sala pequena, porém bem decorada, seus olhos foram de novo atraídos para o retrato colocado sobre o mesmo móvel do outro dia. Imediatamente, uma emoção incontida tomou conta de todo seu ser. E que, somente naquele instante, parecia reconhecer a identidade do dono da fotografia. Por incrível que fosse, aquele era o rosto da pessoa que lhe surgira de súbito, na noite anterior, a quem parecera reconhecer de outras existências.

Em face da sua emoção, Rosa, a mais velha, per- guntou-lhe:

- Que foi? Você o conheceu? Por que está assim tão sensibilizada?

- Quem é este homem, dona Rosa? É seu parente?

E sentou-se, porque suas pernas estavam trêmulas.

A mulher, estranhando aquela atitude, reiterou a pergunta:

- Que sabe você sobre o Mauro? Conheceu-o? Por acaso estaria ainda vivo? Não sabemos do Mauro desde 1949. Foi dado como desaparecido, mas todos ainda alimentamos a esperança de um dia vê-lo ressurgir à nossa frente.

Num impasse, o coração de Amélia. Que deveria fazer? Se revelasse o acontecimento da noite anterior, não estaria, de certa forma, confirmando a morte, e, portanto, trazendo grande tristeza às irmãs que o adoravam? Mas tinha necessidade, também, de esclarecer aquele mistério. Por que o irmão daquelas criaturas lhe teria aparecido, em espírito, e por qual razão sentira aquela felicidade, como se houvera sido, de fato, grande amiga sua, mas sem conhecê-lo nesta encarnação?

Esperava que elas desviassem o assunto, o coração em sobressalto, sem saber o que proferir.

Finalmente, conseguiu expressar-se:

- Não, creio que não o conheci. E que... bem, ele é parecidíssimo com o dr. Geraldo, um dos advogados lá da indústria.

Satisfeita com a idéia súbita que a salvara da situação difícil, prosseguiu falando nas excelências do remédio, cujo nome ali trazia e que já houvera sido experimentado por inúmeras pessoas da fábrica, sempre com ótimos resultados.

Sob os agradecimentos das conterrâneas, despediu-se e foi para casa, onde encontrou dona Glória recolhida ao leito, cercada pelas duas crianças.

- A vizinha está doente, mamãe.

O pequeno acompanhou a irmã, gritando.

- Vovó tem dodói.

De fato, dona Glória já não havia passado bem o dia anterior e, agora, aquela indisposição, os vômitos, a dor de cabeça fortíssima, olhos injetados, traziam preocupação a Amélia.

Pensando em como poderia tratar dela com os modestos recursos que lhes restavam até o dia de novo pagamento, a nora afastou-se e, com um "não há de ser grave", deu um pouco de confiança à pobre velha. Todavia, na pequena sala, sentou-se pesadamente junto à mesa e, fechando os olhos, procurou o conforto da prece.

- Jesus. Sois nosso Mestre e Guia. Socorrei-nos, Amado Jesus, nesta hora de dificuldades. Dai-nos os meios necessários para conseguirmos o tratamento indicado.

O pequeno João acercara-se da mãe e, carinhosamente, procurara subir-lhe ao colo. Ela afastou a cadeira de junto da mesa e apanhou o pequeno, enquanto procurava uma solução que deveria ser encontrada aquela noite mesmo.

Maquinalmente dirigiu-se até o quintal, para recolher a roupa do varal. Todas as manhãs, antes de seguir para o trabalho, ela cuidava desse item, deixando tudo já ensaboado, para ser enxaguado e esticado no varal, coisa de que a velha companheira se desincumbia perfeitamente.

Àquela noite, contudo, a roupa permanecia dentro do tanque.

De maneira enérgica, enfrentou mais aquele empeco, indo, assim que pôde, verificar como estava passando a sogra.

Como a encontrasse adormecida, voltou à cozinha para providenciar rapidamente uma refeição modesta. Apenas as duas crianças jantaram.

Enquanto ambas tagarelavam à mesa, foi até à casa da vizinha que sempre a acudia, expor-lhe o problema.

A boa mulher sugeriu, prestativa:

- Por que não telefona ao sr. Manuel, da farmácia? Quem sabe ele pode receitar alguma coisa?

Amélia sentiu, nessa opinião, uma grande confiança. Unha certeza de que Jesus não a desampararia e talvez já estivesse ajudando-a, através dos mensageiros espirituais que, pela boca

da companheira, enviavam-lhe a sugestão para a providência mais acertada.

Foi até a pracinha e, após detalhada conversa com o farmacêutico, adquiriu o remédio que haveria de restituir a saúde à sogra, vitimada por uma indisposição do aparelho digestivo.

Após várias doses, a senhora conseguiu levantar-se no dia seguinte e cuidar dos afazeres da casa, a fim de não deixar sobrecarga para a nora.

Aquela noite mesmo, dona Glória escreveu a seu irmão mais novo, residente em Minas. Na carta, lamuriava-se contra os excessos de trabalho, dizendo que, se soubesse o que a esperava naquela casa, jamais teria se mudado para ali. Derramou na missiva todo o cansaço e o desencanto daquele dia passado entre dores e achaques.

Havendo deixado a carta sobre a mesa, sem o cuidado de dobrá-la sequer, a velha parecia estar agindo assim propositadamente, como que desejando fosse ela devidamente lida pela nora. Pois foi o que sucedeu.

Sem revolta, mas com certa tristeza, a nora entregou-lhe a missiva, dizendo-lhe, lacônica:

- Esqueceu isto sobre a mesa, dona Glória.

E, deixando a criatura sem ter o que responder, senão um "obrigada", em voz baixa, afastou-se. Não poderia tratar mais detalhadamente do assunto com a companheira sem antes preparar-se vibratoriamente.

Pelos conhecimentos que possuía, e também pelas experiências anteriores com a própria sogra, sabia do perigo de abordar determinados assuntos delicados com pessoas emocionalmente instáveis, o que demandava um condicionamento anterior.

Adiou a conversa para momento em que estivesse com maior adequação espiritual, cujos preparativos incluíam uma prece muito bem feita.

Ah, quantos dissabores não seriam evitados se as criaturas parassem para raciocinar, antes de se acercarem das pessoas, para entendimento sobre assuntos difíceis! Tudo depende da intenção daquele que procura o outro. Amélia, certamente, mantinha sua amizade pela companheira. Sabia que, acima de tudo, cabia a ela própria a atitude de maior responsabilidade. Era mais jovem, possuía uma fé inabalável e professava o Espiritismo. Como deixar-se levar por um instante de mágoa e prejudicar o resto da vida, também pelo remorso de não haver usado de suficiente controle?

Perante o impasse, resolveu dar um certo prazo.

No dia seguinte, provavelmente, poderiam entender-se.

De fato, envergonhada perante a nora, dona Glória abdicou de sua idéia de abandono. Escreveu nova carta ao irmão, contando os últimos acontecimentos banais e as gracinhas dos dois netinhos.

11

Passaram-se, depois desses eventos, alguns anos. Estávamos em 1957.

As Anicettos haviam voltado para o interior, depois de se ligarem por laços profundos de amizade a Amélia.

Havendo a mais nova também se ressentido sob o clima frio da Capital do Estado, o que lhe trouxera distúrbios bronco-pulmonares, desistiram de morar na cidade desumana, principalmente para os poucos recursos financeiros.

Poderá causar estranheza o fato de duas representantes de família tão rica permanecerem assim em precárias condições. Contudo, a desgraça abatera-se sobre os Anicettos a partir de uma ocorrência tristíssima, que abalou não somente a família, quanto também a própria cidade.

Amélia, já ausente da cidade interiorana, de nada soubera. As irmãs haviam-lhe contado o acidente que vitimara quatro netos de seus pais, todos juvenzinhos, que haviam saído de barco, na represa de uma das fazendas da família.

Com o choque, dois dos pais sacrificados pela provação haviam enlouquecido. E, desde então, a

família toda se envolvera na busca de recursos necessários, inclusive levando-os à Europa à procura dos maiores nomes da psiquiatria, na esperança de encontrar a cura para os infelizes.

Isto tudo, somado ao desgosto dos velhos que acabaram também desencarnando, produziu a derrocada final. Uma a uma, as fazendas foram sendo vendidas, e a ruína abateu-se, finalmente, sobre os remanescentes.

Estava, assim, finda a dinastia dos Anicettos.

Sensibilizada com o relato das amigas, Amélia não teve o que dizer, mas amorosamente abraçou as criaturas, como para atestar o seu pesar.

Já em outras ocasiões, as irmãs lhe haviam deixado perceber os parcos rendimentos. Com as despesas para tratamento dos que sucumbiram nessas provações, aumentara também a dessintonia entre os familiares. Todos achavam absolutamente injusto que, para salvar dois dementados, todos os outros tivessem que sofrer. Foi uma das causas que levou os velhos à morte precoce. Os mais violentos eram os genros. Dois deles chegaram ao extremo de violar todas as cláusulas aceitas pelo consenso familiar, no tocante a essas despesas, e tentar embargar, judicialmente, o pátrio poder.

Partiam da justificativa de que os velhos haviam enlouquecido junto dos filhos e nada os faria demover daquela campanha insensata, através da qual se esvaia uma das mais sólidas fortunas da região, das quais eles eram herdeiros, também.

As irmãs choraram no ponto em que relataram o desaparecimento daquele irmão querido, cuja fotografia mantinham na sala.

Os informes sobre esse desaparecimento causaram profunda emoção em Amélia.

- Sabe? Era o caçula. Bom e religioso, como só ele. Saia todas as manhãs para ir dirigir o trabalho na "Santa Rosa".

Amélia deduziu tratar-se de uma das fazendas.

- Tinha uma caminhonete Ford e era um verdadeiro titã para o trabalho. A rigor, o único que se interessara de fato pela vida do campo. Havia feito um curso de Agronomia, e entendia muito de todos aqueles problemas.

Com a voz embargada pela emoção, a mais velha interrompeu, sendo logo secundada por Lúcia:

- É mesmo. Até que um dia, sabe, Amélia, ele não retomou.

Um soluço cortou a narrativa. Após alguns instantes Rosa retomou a palavra.

- Ele costumava regressar ao cair da noite. Eram dez horas quando resolvemos pedir auxílio aos outros jovens da família, nossos sobrinhos, que residiam em suas casas, na cidade. Efetuaram buscas e terminaram por encontrar a caminhonete encostada a um barranco, perto da Vila Neves... você sabe onde fica, não é?

Amélia assentiu. E perguntou:

- Vazia?

- Sim. Nem sinal de Maurinho. Mobilizamos todos os recursos de polícia e de amigos.

-E, então?...

-Nada.

A irmã confirmou:

- Nada, até hoje.

- Santo Deus! — sussurrou Amélia, atônita diante de mais aquela tragédia.

Perguntou:

- Seus pais já não eram vivos?

- Haviam falecido há pouco.

Mentalmente, Amélia fez as contas. Havia muitos anos que saíra da cidade de Santo Antão. E, nesse espaço de tempo, tudo aquilo acontecera, como um Juízo Final abatendo-se sobre aquela família. Sinceramente condoída, Amélia ligou-se mais ainda em afeto às duas criaturas.

Contudo, após algum tempo, ambas lhe noticiaram, com tristeza pela quebra daquele doce

convívio, a próxima mudança. Amélia sentiu a perda iminente.

Durante os anos que precederam esta retirada das Anicettos do cenário, outros acontecimentos marcaram de maneira rude a vida de Amélia. Um deles foi a perda da sogra, em 1955. Havendo conseguido viajar até Minas Gerais, onde residia seu irmão, a boa senhora resolveu prolongar ali sua estada, quando, num dia ensolarado, após haver ingerido em excesso determinada guloseima, foi acometida de um mal súbito e, apesar dos socorros médicos, veio a falecer.

Foi mais um golpe a atingir Amélia, quase tão grande quanto o do desencarne do esposo. Novamente, perdia uma companhia preciosa.

Mas a presença das amigas e conterrâneas ajudou-a muito.

Atendendo a um impulso do coração, Amélia dirigiu-se às pressas para a cidade mineira, deixando os filhos com as duas senhoras.

12

Algo havia sucedido, porém, enquanto Amélia se encontrava ausente: Aurora encantara-se perante o retrato de Mauro, dizendo-se sua namorada. As duas tias, sensibilizadas por aquele apego da garota, davam-lhe azo para que continuasse a aparente brincadeira. Num momento em que se reuniam na pequena sala, após o jantar, Aurora postou-se diante do retrato e disse:

- Querido, se você não tivesse morrido, quando aquele carro passou, nós podíamos ficar noivos, não é?...

As duas, sobressaltadas, perguntaram-lhe imediatamente, sem conseguir esconder a ansiedade:

- Que foi que falou, Aurora? Que foi que disse, filha, quem lhe contou?

Assustada com essa reação, a menina estremeceu e confessou:

• i -? Não é nada, titia, nada. Fiquei com vontade de falar, só isso.

Mas, a partir daquele instante, as duas não obtiveram mais sossego e conjecturaram a noite toda, como que adivinhando o autor daquele notificação. Seria tudo mera invenção infantil? Não haveria por trás daquele acontecimento qualquer revelação de caráter insólito?

Posta a par da ocorrência pelas amigas, Amélia confessou-lhes francamente acreditar na desencarnação do moço, sem, todavia, haver dito qualquer coisa sobre o fenômeno de tempos atrás. Aquela convicção era levada pelo fato de o rapaz nunca mais haver sido encontrado, acreditando tratar-se realmente de algum crime ou acidente, com a deliberada ocultação do corpo.

As senhoras, chocadas com tal opinião, choraram muito, deixando Amélia preocupada e arrependida de lhes haver externado sua suspeita.

A vida continuava repleta de pequeninos sobressaltos, mas, de qualquer forma, um cenário aberto para a coragem e a dignidade.

A despedida das irmãs Anicettos, um ano depois, exigiu muita determinação da parte de Amélia para não se deixar abater.

13

Fazia pouco mais de um ano que as irmãs Anicettos haviam partido.

O despertador tocou, irritante, até ¹⁵ que Amélia estendeu a mão, abaixando o botão.

Reiniciava-se o ritual das madrugadas, com a figura heróica desincumbindo-se de todas as tarefas do lar, antes de retirar-se para o trabalho.

Como deixasse sozinhas as duas crianças, nada do que era essencial deveria ficar por fazer. Assim, verificava pormenores, tomava cuidados especiais e quase sempre deixava algum bilhete para Aurora.

Abriu a porta da cozinha e dali enxotou o gato que lhe fazia estragos no lixo, obrigando-a a

recolhê-lo novamente para que Aurora o pusesse na rua, mais tarde.

No tanque, a roupa, colocada de molho na véspera, esperava-a para o resto da maratona.

A rapidez era um dos traços característicos (e positivos) de Amélia. Num instante, os varais ostentavam a oferenda do dia, para a secagem rápida, se o sol, mais tarde, não se negasse, suplantado por alguma nuvem ameaçadora

Olhou para o alto, tentando a sondagem. As estrelas ainda brilhavam.

Ficou observando o manto salpicado, pensando em como tudo aquilo era tão lindo e uma evidência do poder divino. E ainda havia ateus! Estes, provavelmente, nunca observaram o firmamento.

Suspirou, por ter de deixar a visão entemecedora. Contudo, mil e uma providências esperavam-na ainda

Foi até a panificadora que ficava na esquina, comprou o pão e o leite, voltou, ferveu-o, deixou a mesa posta Quando as crianças levantassem, poderiam alimentar-se tranquilamente, e Aurora, já com 11 anos, fazia as pequeninas coisas que lhe cabiam, sempre com muito zelo. Uma delas era ajudar o irmão a vestir-se e levá-lo até a escola, na esquina, onde Amélia obtivera uma vaga, com grande redução, pois a professora iniciava seu empreendimento.

Quatro quarteirões, além, estava sediada a escola do Estado, onde Aurora iniciava sua quarta série do primeiro grau.

Amélia jamais saía de casa sem confiá-la ao Divino Amigo, em oração. Junto à porta, elevou seu pensamento à figura excelsa, pedindo:

"Mestre. Eu nada sou e nada pretendo além de Tua Proteção. Faze que de mim se afastem as maldades do caminho e que de meus filhos também sejam arredados todos os perigos. Acoberta-os, Mestre. Estende Tua mão generosa sobre esta casa e sobre as crianças. Põe Tua Bondade sobre todos nós. Que assim seja."

Confiante, saiu. Pelas ruas, em correria, já passavam pequenas legiões de apressados, carregando mochilas, outros levando pequenas malas, outros com embrulhos.

Sonolentos, uns, alegres e brincalhões outros, em bandos, a contar casos, ocorrências mil, os chistes tentando espantar o sono de alguns que cruzavam com os bandos, arrastando-se como se ainda dormissem.

Amélia estugou o passo, após consultar o modesto relógio de pulso. Em algumas casas, já se notava a vida renascendo. Muitas tinham já suas luzes internas acesas, denunciando o retomo dos moradores à atividade diária.

Após subidas e descidas, sempre em passo acelerado, chegou ao ponto do ônibus. Ali encontrou pessoas que conhecia de vista, cumpridoras daquele mesmo horário. O senhor de camisa sempre escura, segurando a pasta pequena, a garota de tênis e roupa de ginástica, três jovens portando marmitas.

A garota cumprimentou-a com um sorriso, enquanto o senhor tirou-lhe o chapéu surrado. Dentro do ônibus encontrou outras pessoas que faziam aquele percurso no mesmo horário. Era uma pequena comunidade a avançar rumo aos deveres do dia que se iniciava.

Em cada parada, o ônibus via-se assediado por grupos cada vez mais numerosos. Alguns retardatários surgiam correndo, esbaforidos e lançavam um "brigado" engrolado ao condutor do veículo, ainda de bom humor.

O trajeto, pouco longo, durou os vinte minutos de praxe.

Quando desceu, a manhã já se declarava aberta.

A porta da fábrica, alguns operários retardavam a entrada, em conversa, aguardando a derradeira chamada.

Entre comentários sobre os últimos jogos dos clubes populares, havia ainda os de preocupação com as dificuldades da vida, o baixo salário, a ameaça do desemprego.

Ouvindo as lamúrias de alguns colegas, a boa criatura deixou-se contagiar pela imagem pessimista

que poderia resultar, de um momento para outro, em situação calamitosa para muitos. Instantaneamente pensou nas duas crianças amadas que dela dependiam exclusivamente e um sentimento de angústia envolveu-a.

Contudo, os afazeres do dia devolveram-lhe a tranquilidade.

Ao retomar a casa encontrou Aurora com uma lista de observações sobre o pequeno João.

- Ele não quis fazer a lição.

Amélia olhou o menino que lhe pareceu triste.

Abaixou-se tomando-lhe as mãos e perguntou-lhe:

- O que foi, meu querido? Não está se sentindo bem?

Antes que o garoto lhe respondesse, Aurora continuou:

- Também não quis comer. A professora disse que hoje ele não fez nada. Só dormiu.

Amélia sentiu-o febril e os olhos pareceram-lhe avermelhados, brilhantes.

Beijou-o, recomendando-lhe:

- Vá para a cama. A mamãe logo irá levar-lhe um remédiozinho.

O termômetro acusou a febre regular. Para casos como este, possuía ainda as gotas recomendadas pelo médico indicado pela vizinha e que algumas vezes a atendera.

Passou aquela noite em sobressaltos, levantando-se a toda hora, verificando-lhe a temperatura que, apesar do antipirético, não cedera.

De madrugada, em vista do que ocorria, aumentou a dose do medicamento e aguardou os resultados. Sentia muito ter de faltar ao serviço, mas não tinha coragem para deixar o garoto sozinho com a irmã, uma vez que na casa do lado já não existia aquela vizinha fraterna, que sempre a socorrera. Mudara-se para o interior, após a morte do marido.

A vizinhança agora estava toda renovada e infelizmente não conhecia ninguém.

Pensou em telefonar avisando o encarregado de sua seção, mas lembrou-se de que só poderia fazê-lo mais tarde, quando a fábrica já estivesse em horário de trabalho.

- Telefonarei mais tarde — decidiu.

O dia transcorreu pachorrento, debaixo de uma chuva fina, mas persistente. Aquela umidade deixava-a ainda mais apreensiva, pois desse modo não poderia levar o garoto à farmácia, como desejava.

Foi sozinha e, lá, após haver avisado por telefone ao chefe de seu setor que não compareceria e quais os motivos, conseguiu, com o farmacêutico, novo remédio para o garoto, com a recomendação de que o levasse ao médico no caso de a febre não ceder até o cair da noite.

As dezenove horas, a febre persistia ainda e o menino se apresentava com grande dificuldade na respiração. Muito preocupada, Amélia começou a prepará-lo para procurarem o socorro médico que, agora, admitia: deveria ter sido providenciado mais cedo.

Não lhe restava agora outra alternativa, embora percebesse a impropriedade da hora.

Telefonou ao consultório médico. A enfermeira avisou-a de que ele já havia encerrado o expediente, estando em vias de sair para jantar. Nervosa, ela pediu para falar-lhe, antes que saísse. A mulher atendeu-a, passando o telefone ao clínico. Este perguntou-lhe o motivo daquele chamado fora da hora convencional e ela se desculpou, alegando haver-lhe dado aquele mesmo remédio já receitado e que fora eficaz em outras ocasiões. Disse-lhe também que o menino apresentava dificuldades para respirar e ela temia que fosse grave o seu estado.

Não tendo outra alternativa, o clínico recomendou-lhe que levasse a criança imediatamente, pois ficaria à sua espera.

Ao sair da panificadora, de onde lograra telefonar, o céu atraiu sua atenção. A ameaça de uma tormenta próxima acerbou-lhe ainda mais o passo de retomo ao lar.

14

Lá, de coração oprimido, vestiu rapidamente a criança, recomendando a Aurora que se apressasse, também. No momento exato de sair, o estrondo da carga de água que acabava de iniciar-se. Como poderia ir, assim?

Naquele instante, pela vidraça, observou que o vizinho, a quem mal conhecia, pois mudara-se há pouco, tirava o carro, aprontando-se para sair.

Corajosamente atravessou a rua, abrigada pelo pequeno guarda-chuva, e chegou até o homem que, ao vê-la, abaixou pressuroso o vidro, a fim de escutá-la.

- Que foi, minha senhora? Alguma dificuldade?
- Perdão, eu... eu estou com o menino muito doente.
- Pois não, pois não, que posso fazer para auxiliá-la?

Meio sem jeito, mas esperançosa, ela adiantou:

- E que... com esta chuva, não poderia levá-lo, isto é, será que o senhor... o dr. Marcondes está esperando...

Adivinhando o resto da frase, o vizinho adiantou-se.

- Perfeitamente, pois não. Vou levá-los até o nuco. Onde fica?

Logo a seguir, disse:

- Prepare-se enquanto encosto o carro *em sua calç.*; da Vou deixá-la no *médico e volto para apanhar minha esposa*. Vamos ao teatro.

Desapontada, *Amélia reiterou:*

- Oh. Eu não queria *incomodá-los. Os senhores não vão se atrasar?*
- Não, fique tranqüila. Há muito tempo.

Totalmente encharcada, Amélia retomou à casa tratando de mudar aquela roupa e colocar o último par de sapatos secos que lhe sobravam.

Rapidamente foi até a gaveta e retirou o que lhe restava para as despesas da casa até o próximo ordenado. Com algum temor percebeu que somava menos do que necessitaria. A memória, apanhada em flagrante, sopesava aqui e ali os traços daquela erosão monetária Lembrou-se, então, dos gastos extras com o material escolar das crianças.

"Meu Deus" - pensou ela. "Como farei face a estas despesas todas, com tão pouco dinheiro?"

Mas o ruído do carro sendo encostado à sua porta apressou-a

Enquanto seguiam pelo trânsito ainda congestionado, Amélia mentalizava a figura de Jesus, pedindo-lhe que abençoasse o motorista por aquele ato de generosidade.

Como poderia pagar-lhe?

A voz roubou-a das conjecturas. Já estavam parados à frente do consultório e o vizinho perguntava-lhe:

- E aqui mesmo? O médico estará ainda aí?
- É aqui, sim. Ele está à minha espera Já telefonei...

O homem deslizou, num átimo, de dentro do carro,

carregando a criança, enquanto a mãe se ajeitava com Aurora, sob o pequeno guarda-chuva

O médico não deixou de admoestá-la carinhosamente:

- Então, trocamos o horário das consultas, não é? Em lugar do meu velho plantão da tarde, vou fazer o plantão da noite, vou virar guarda-noturno, hem?

Meio desajeitada, sorriso forçado nos lábios, apreensiva, retrucou:

- Desculpe-me, doutor. Não esperava que ele piorasse. Dei o remédio que o senhor receitou

aquela vez e que faz tão bem a ele, sempre.

Enquanto examinava a criança, o velho exprimia um ar preocupado.

Amélia, sentindo-o, assustou-se:

- E grave, doutor?

- Hum... veremos. Vamos precisar fazer um exame, mas a esta hora, não sei. Espere um pouco.

Deixe-me telefonar.

Ali mesmo, à sua frente, o médico discou e pôs-se a falar com alguém do outro lado da linha utilizando termos técnicos que ela nunca havia escutado.

Terminada a rápida comunicação, o médico, momentaneamente tranqüilizado, deu instruções a Amélia, ainda parada, fazendo contas mentalmente, procurando avaliar quanto lhe levaria aquela nova providência

- Minha senhora. Vá até este endereço e mande realizar o exame de que necessitamos para confirmação do diagnóstico.

- Mas, como é que vou... assim com esta chuva...

Queria continuar expondo-lhe sua situação, a falta do dinheiro que não daria para tudo.

- E preciso - falou-lhe o médico, com decisão. - Posso chamar-lhe um táxi. Quer?

E, sem esperar resposta, tirou o fone do gancho, discando um número.

Sem saber o que dizer, Amélia aguardou as chamadas numerosas, as tentativas do doutor no encontro difícil de um táxi àquela hora e em tais circunstâncias.

Finalmente, o médico confirmou:

- O táxi já vem. Pode aguardá-lo aí na sala de espera

Diante do gesto da cliente, de retirar dinheiro para pagamento da consulta, tranqüilizou-a

- Agora não. Depois. Terão de esperar lá mesmo, no laboratório, esse resultado. Será dado dentro de algum tempo.

- Telefone assim que o obtiver, isto é, mande ligar lá para casa, não importa a hora. Leve o número de meu telefone. Peça ao responsável e ele se encarregará disso.

Escreveu um número num segundo cartão, entregando-o a Amélia, que permanecia parada, como sob estado de choque.

Refez-se, contudo, agradecendo à velha criatura que assim, humanamente, predispusera-se a atendê-la, apesar da hora imprópria.

Seu coração ia pesado, agora, dentro daquele carro, com o menino arfante, a cabeça deitada sobre o colo materno.

Aurora, que até aquele instante, percebendo o sofrimento da mãe, eximira-se de qualquer comentário, perguntou-lhe, num sussurro:

- Ele vai sarar, mamãe?

A resposta não veio, todavia. E a menina silenciou.

Tomara o táxi com grande preocupação também por causa do dinheiro. Embora o médico não houvesse aceitado o pagamento ainda, era óbvio que teria de acertar as contas assim que terminasse o atendimento. O que faria? Envergonhava-se, só de pensar em ter de pedir um adiamento...

Precisamente à porta do laboratório, no momento de descer, a chuva pareceu aumentar.

Também desta vez houve a participação positiva do motorista que, condoido pela situação aflitiva da passageira, ofereceu-se para carregar a criança debaixo de seu guarda-chuva.

Efetivamente, o menino foi posto dentro do prédio, sem molhar-se. Ali, o profissional, percebendo a atrapalhação da mulher na contagem das notas, disse-lhe:

- Deixe, não é preciso. Afinal, foi um trajeto tão pequeno. Fica para outra vez.

- Ora, não. Por favor, senhor. Tome, pegue.

Não continuou porque ele já descia as escadas, enfrentando a chuva, com o guarda-chuva fechado, displicente.

Coração aos saltos, tocada por aquele gesto generoso, Amélia bateu timidamente à porta do laboratório, aparentemente vazio. Era como se estivesse num mundo estranho e até a sua natural formação doutrinária parecia eclipsar-se dando vazão aos caprichos de uma fantasia mórbida. Um súbito mal-estar apossou-se dela que cambaleou. Entretanto, imediatamente, percebendo que se deixava envolver por uma onda vibratória perigosa e depressiva, inspirou profundamente buscando de imediato a imagem do Cristo. Procurou sentar-se, esperando que a viessem receber, pois vira quando o doutor ligara para aquele local, tendo sido atendido.

Sentada, sentia-se melhorar gradativamente e, numa prece rápida, solicitou reforços para aquela hora difícil. De olhos cerrados, mantinha-se presa à oração, quando escutou o ruído da chave e imediatamente a voz jovem atendendo-a.

- Pois não.

- Eu vim... o doutor...

Não terminou de dizer e o rapaz já a fazia entrar, apanhando o menino em seus braços, tirando-o do sofá onde fora colocado e levando-o para a sala contígua, pondo-o numa cama especial.

Encarando a mãe aflita, acalmou-a dizendo-lhe que tudo estava bem.

- Se a senhora preferir, poderá permanecer aqui. Caso não se sinta bem, será então melhor que aguarde na sala de espera. Onde queira...

Amélia fez um gesto para a menina e ambas retomaram à primeira sala, assentando-se no sofá em que até então estivera Joãozinho.

Foram minutos longos, que machucavam como horas. Ambas caladas, sem se olharem, deixavam-se estar quase sem um movimento. Depois de algum tempo, Aurora despertou, tendo sua atenção atraída para as paredes coalhadas de certificados, diplomas. Ia lendo um por um, sem entender grande coisa e sem falar à mãe.

Pela porta semi-aberta, Amélia observou quando o moço introduziu na garganta do pequeno doente um longo e fino bastão, com um chumaço de algodão na extremidade. O menino não reagiu.

O laboratorista apareceu logo após, dizendo-lhe:

- Já estamos procedendo ao exame. São duzentos cruzeiros. Pode pagar para mim mesmo.

"Meu Deus" - pensou ela. "E agora?" Era a quantia exata que ela possuía. Se a deixasse ali, como poderia voltar para casa com as duas crianças, debaixo de tanta chuva?

O rapaz saíra momentaneamente da sala, atendendo a um chamado que lhe faziam do interior do prédio. Então, havia outra pessoa lá dentro, deduziu Aurora, no momento, um tanto alheia ao drama que a mãe enfrentava. Levantou-se na ponta dos pés, chegando até a porta bem aberta, enfiando a cabeça para a sondagem, buscando indícios, detalhes, fazendo a curiosidade exercitar-se.

Atrás dela, Amélia, de olhos secos, olhava fixo para a frente, sem nada ver, aterrorizada com a situação.

O rapaz voltou e percebeu a atrapalhação da mulher. Tomado de comiseração, apressou-se a explicar-lhe:

- Se a senhora não tiver, não faz mal. Pode me dar uma parte e trazer o resto depois.

Amélia sentiu-se renascer. Endereçou um olhar de gratidão a quem lhe oferecia assim um novo alento e sorriu-lhe, dizendo:

- Se o senhor me puder fazer isso, nem sei como agradecer-lhe. Creio que... poderia dar-lhe a metade, sim? Está bem.

- Perfeitamente. No fim do mês a senhora virá trazer-me o restante.

Que alívio lhe provocou aquele desfecho. Todavia, a lembrança de que se o resultado fosse positivo e o menino estivesse com a doença perigosa, conforme lhe sugerira o médico, colocou-a sob tensão, novamente.

Não saberia dizer quanto tempo esperaram ambas na sala iluminada por três grandes globos de um branco leitoso. Durante esse tempo, as lembranças que há muito não mais lhe apareciam surgiram

todas, uma a uma, fazendo um desfile particular, colocando-lhe a alma em preocupação cada vez maior.

O silêncio, no entanto, vencida tudo e apenas as buzinas nervosas quebravam o ritual silencioso da espera. Da ma barulhenta os ruídos do tráfego soavam como bálsamo, trazendo-lhe a mensagem da vida, da continuidade da luta, a lembrança de que tudo se conservaria com força, com energia, embora sua alma estivesse adormecida pelo choque daquele momento angustioso.

Nada, porém, do que ali se passava em seu íntimo cheio de dor e de pressentimentos haveria de dobrar-lhe o ânimo.

Finalmente, ali estava a figura conhecida do atendente, oferecendo-lhe um meio sorriso e procurando afetar tranqüilidade.

Ela o recebeu com muita coragem.

- Já dei o resultado por telefone ao Dr. Marcondes. Ele lhe pede que leve o menino ao hospital. Enquanto isso, ele também irá para lá.

15

A rua engoliu o táxi que, de repente, lhe surgira à frente, atendendo-a como por um passe de mágica, quando ela estendera o braço, sob a garoa fina, segurando desajeitadamente o garoto. Parando incontinentemente, pois o motorista percebera-lhe a situação aflitiva, após auxiliá-las a entrar, saíra velozmente ziguezagueando, introduzindo-se nas brechas do tráfego, como um pequeno bólido.

Deixadas junto da escada, conseguiram logo o auxílio de alguém que por ali passava, que carregou nos braços o menino, levando-o até o grande saguão, onde se apinhavam doentes e acompanhantes.

Amélia flutuava, aturdida com a velocidade e turbulência dos acontecimentos. Sua consciência não conseguia acompanhar tudo, submissa aos fados. No entanto, existia, sim - agora podia reconhecê-lo —, algo movimentando-a, incluída no rol dos que eram também levados.

Sentia-se objeto, reduzida em suas reais dimensões e manipulada por uma vontade maior, contra a qual não encontrava forças para lutar.

O menino apresentava sinais de angústia no rosto, com dificuldade para respirar. A mãe já não sabia o que fazer. No momento em que, com dificuldade, abria caminho entre tanta gente, seguida da menina, com o objetivo de falar aos atendentes de um balcão central, enxergou lá dentro o velho médico que lhe fazia um sinal, chamando-a e apontando-lhe um corredor.

Adiantou-se ao encontro do clínico que, na companhia de uma enfermeira, estendeu o garoto sobre o carro-leito, removendo-o dali, na direção de uma ala interna.

Enquanto caminhavam rapidamente atrás do pequeno transportado pela atendente, ela arriscou a pergunta que reprimira até então.

- Doutor, ele... ele ficará bom, não?
- Provavelmente, provavelmente.

Ao respirar, o menino deixava escapar um ruído estranho, como o que produz uma corrente de água num redemoinho.

O doutor afundou-se por uma sala. A enfermeira fizera-lhe um sinal para que aguardasse, enquanto desaparecia também com o menino, por uma das alas profundas, com luz mortiça.

Momentos após, a moça trouxe-lhe um papel para assinar.

- Preencha isto para podermos providenciar o internamento e a guia para a operação.
- Mas... vai ser operado? Meu Joãozinho vai ter que ser operado? O doutor não me falou nada!

- Está com difteria, dona. O doutor vai ter que operar. Sabe? É simples, mas tem que ficar sob vigilância. É de muita responsabilidade. Não pode levá-lo para casa.

- Meu Deus. E agora?

Pensava em tudo. No pequeno e nas finanças. Como arranjaria dinheiro para tudo?

A enfermeira pareceu entender.

- A senhora trabalha?

- Sim, numa fábrica.

- Então, tem direito, é assegurada. Onde está sua Carteira do IAPI?

- Deixei em casa... não sabia...

- Pois bem. Então, vá buscá-la e me procure aqui para eu auxiliá-la a arrumar tudo. Em caso contrário, terá muita despesa.

E, vendo-a ainda titubeante, sem saber bem o que fazer, afirmou:

- Depressa, vá. Leve a menina, também, que crianças não podem permanecer aqui.

-E... o menino?

- Ah, não se preocupe. Está em excelentes mãos. O dr. Marcondes é um dos mais dedicados clínicos daqui. Vátranqüila.

Agradecida, Amélia retomou, arrastando pela mão a garota cansada.

- Estou com sono, mamãe. Quero ficar em casa, dormindo.

- Como vou deixá-la só, a esta hora da noite?

No salão do hospital, o relógio apontava as vinte e quatro horas em ponto.

O tempo amainara e apenas uma garoa fina castigava os transeuntes.

Abriu o guarda-chuva, aproximando a pequena de si e procurou o ponto de ônibus. Não haveria necessidade de gastos excessivos.

Em casa, providenciou o documento necessário, deixando a pequena acomodada, com a recomendação de não atender a nenhum chamado de fora.

Voltava confiante, quando leu numa manchete de um jornal que seu companheiro de banco mantinha aberto e sacolejante, no coletivo:

Crupe mata dezenas, na Capital.

- Então, é isso!

E sentiu-se enfraquecer, o coração pulsando rápido.

De retomo ao hospital, portando a carteira de assegurada, quis saber o estado do filho. Informaram-na que estava sob a observação de uma enfermeira especialmente destinada a esse cuidado e que o dr. Marcondes já se retirara.

Preocupada, mas reconhecendo que nada lhe restava fazer ali, retomou a casa.

Não conseguiu conciliar o sono. Entretanto, teria de ir para o trabalho, mesmo sob aquelas condições péssimas em que se encontrava.

Também os atos de rotina podem complicar-se em certas ocasiões.

A compra do pão, assim tão cedo, representava um pequeno sacrifício, em especial porque, àquela hora, a panificadora ainda não havia aberto as portas e as pessoas precisavam entrar por um portão escuro e um corredor escorregadio pela farinha derramada, principalmente em madrugada úmida como aquela, após a chuva da noite.

Ainda estremunhada pelo sono, após aqueles minutos de descanso, Amélia enveredou junto ao muro limbo, para a providência diária. A sua esquerda, a sombra enorme da pilha de caixões. Nesse instante, havendo resvalado no piso derrapante, tentou escorar-se com o braço esquerdo e o fez justamente sobre um dos caixotes que serviam de base para uma pilha alta e insegura. Veio tudo abaixo, despencando sobre ela, ferindo-a no crânio.

Socorrida por funcionários da casa e outros fregueses, nem mesmo chegou a declarar o necessário. Balbuciou apenas algumas palavras que os mais próximos puderam deduzir como uma recomendação quanto aos filhos. Mais ou menos como "as crianças... olhem meus filhos...", ou coisa parecida.

Naquele momento, cessou a vida de Amélia

A vizinhança, solícita, correu à casa modesta, para saber com a criança S|3 remanescente o que poderia ser feito e o : que se passava com o irmãozinho.

Nenhuma informação tiveram além de que o menino, doente, estava no hospital e que o dr. Marcondes era quem cuidava dele.

A vizinha da frente, esposa do cavalheiro que os levara ao médico, tomou a si o encargo de velar pela criança órfã, uma vez que parecia não haver um só parente para encarregar-se dela.

O homem foi saber do médico onde e como se encontrava o menino e obteve a notificação de sua morte. A intervenção fora demasiado tarde.

- Trouxeram-me a criança já em lastimável estado. E a mãe?

A surpresa, agora, mudara-se para o velho rosto. Sensibilizado, o médico desvelou-se em esclarecer ao vizinho da infeliz criatura como e o que fazer para reclamar o corpo do menino, mantido até o momento no necrotério do hospital, uma vez que os responsáveis não haviam aparecido para reclamá-lo.

Subitamente, aquele casal, antes sem filhos, viu-se à frente de uma responsabilidade nova: a guarda de uma menina de onze anos, inteligente e graciosa.

Mãe e pai sucumbiram logo aos encantos da pequena e agradeciam a Deus por esse enriquecimento da vida.

Não se opuseram a que os parentes, chegados de muito longe, viessem procurar a sobrevivente da tragédia, oferecendo-lhe, de maneira apenas formal, o abrigo e a tutela. Consultada, a menina declinou. Aqueles dias passados com o casal que a acolhia com tanto carinho inspiravam-na a ficar diante da sensação inestimável de tranquilidade e segurança.

Bem depressa desabrochou a pequena Aurora, transformando-se em jovem delicada, estudiosa e que devolvia, com as alegrias provenientes de suas qualidades, o generoso devotamento dos pais, Maria e Salvador.

O tempo transcorreu rápido e, no início dos anos 60, ei-la cursando a 4ª série do curso ginásial.

Nunca é demais a precaução em casos de afetivo relacionamento, porém.

Com o desabrochar da juventude, a nova mãe percebeu que seu marido já não se comportava como antigamente, em face da então menina Agora, ele se amaneirava, olhando a filha de maneira um tanto prolongada, observando-lhe o perfil, as formas. A boa criatura nada revelou, nem mesmo à sua melhor amiga Lúcia, frequentadora da casa e residente naquele mesmo quarteirão.

Foi esta quem, um dia, tentou dizer qualquer coisa que, então, confirmou as suspeitas da mãe temerosa.

- Maria, você já pensou em internar a Aurora num bom colégio? Que acha?

- Mas... por quê? Você...

- Não, nada Só que, bem, você sabe... a menina já está moça, bonita... Não será bom mantê-la perto do pai assim tanto tempo. Afinal, ambos sabem que não têm o mesmo sangue, não é?

Foi como um golpe. "Então", pensou ela, "Lúcia também percebera, e nem tinha tanto convívio assim. Está, de fato, havendo um envolvimento sentimental, pelo menos da parte dele. Não é ilusão minha. Que fazer?"

E procurou, com muito tato, saber a reação de cada um, com referência àquela idéia do colégio distante, no Rio de Janeiro.

A moça não se recusou, embora não se entusiasmasse.

Quem repeliu a sugestão foi Salvador.

— Mas... onde está você com a cabeça, mulher? Mandar nossa Aurora para longe, para mãos estranhas? Endoideceu, com certeza, não?

— Não é isso. Ela bem que gostaria. Travaría novos conhecimentos, nós a colocaríamos no melhor

internato, no de melhor freqüência, que me diz? Teria contato com moças da alta sociedade... E preciso, você vê, aqui, neste bairro, não se pode esperar que encontre um bom casamento.

- E quem está querendo casamento? Quem pensa nisso?

- Ela, Salvador. Toda moça tem aspiração a um bom matrimônio, quer encontrar um "príncipe" que a tome feliz.

O marido mostrava-se intransigente.

Os aigumentos de Maria, no entanto, tiveram acesso ao íntimo da própria jovem que passou a interessar-se de maneira vibrante por aquilo que considerou uma verdadeira aventura.

- Ótimo, mamãe. Quero, sim. Trate de fazer o papai concordar, porque estou doida para ir. E, se ele não quiser, não podemos ir só nós duas? A senhora me deixa lá e pronto.

A facilidade com que a filha recebia a sugestão, agora, trouxe grande consolo ao seu velho coração. Era óbvio que o estímulo para aquela insólita atração era unilateral. A amada criatura conservava-se pura, mantendo para com eles unicamente o afeto filial.

Somente o marido, pois, poderia ser acusado daquela impropriedade. Contudo, Maria compreendia a fragilidade da alma humana e perdoava-lhe sinceramente.

Como Salvador se opusesse terminantemente e uma vez escolhida uma das melhores escolas femininas do país, um dia, de madrugada, saíram ambas, fortuitamente, com a bagagem e dirigiram-se à estação. Dentro de pouco tempo, estavam animadas no trem, rindo-se como duas colegiais, pela aventura a que se arriscavam, à revelia de Salvador.

Este, ao levantar-se, notou a faltadas duas. Julgando qualquer empreitada de caráter doméstico, tomou seu café e rumou tranquilamente para o trabalho diário.

Só o percebeu quando, ao voltar à noite, para casa, nada achou, senão o bilhete que Lúcia fizera resvalar, por baixo da porta e que Maria tivera o cuidado de recomendar-lhe.

Irritado com a insensatez de ambas, Salvador foi falar com a vizinha.

— Que história é esta, dona Lúcia?

- É um bilhete que dona Maria me pediu para entre- gar-lhe, seu Salvador.

- Mas... de quem foi essa idéia absurda? Ora essa! Vejabem, dona Lúcia Levar nossa Aurora para longe! Não é um absurdo?

- Não, senhor Salvador, com toda sinceridade, acho que não é. Acho até muito bom...

E endereçou-lhe um olhar tão significativo, que o homem caiu em si. Então, ali estava a razão de tal afastamento! Maria percebera!

Balbuciu algumas palavras de desculpa e saiu cabisbaixo, sentindo o peso daquela descoberta.

Até o momento, procurara esconder de si mesmo sua ignomínia. Sabia estar errado, sim. Mas, o que seria aque- sj sensação irresistível, aquele apego muito mais que de amor paternal, bem diferente, até, que sentia envolvê-lo e arrastá-lo em direção à filha?

Aquela atração física o arrasava, pois sentia o absurdo, a sensação flagrante de irresponsabilidade de sua parte, revelando-lhe o outro lado de seu caráter.

Ele, que sempre fora criatura de recursos morais, íntegro, respeitador da família, entregava-se assim com aquela facilidade a um sentimento tão vil, tão destrutivo.

E percebeu a sabedoria da esposa, afastando a jovem de seu lar. Sempre a mulher boa e de sentimentos nobres a protegê-los, não mais como esposa, mas como verdadeira mãe, que tudo prevê e provê.

Nada mais havia a fazer que esperar.

Dois dias depois, estava de volta Maria, um tanto temerosa da possível reprovação do marido, porém intimamente segura da coerência do passo dado.

Salvador nada lhe falou que pudesse magoá-la, recebendo-a com afabilidade, aceitando seu gesto com moderada alegria.

- Fez bem. Vamos ver se ela vai gostar.

As notícias, logo, passaram a fluir. Aurora, ffeqüen- tando o 1º ano colegial, estava encantada. Havia colegui- nhas de largos recursos financeiros que a convidavam aqui para ali e, como Maria tivera o cuidado de liberar devidamente a filha para tais passeios, ela se Ada requisitada para uma sociedade esfiizante, conhecendo pessoas de altas esferas sociais, e até mesmo um ex-Ministro de Estado, cuja filha lhe compartilhava o quarto.

— Mamãe — escrevia ela —, o irmão de Rejane é maravilhoso. Imagine que me convidou para madrinha de formatura.

Maria não cabia em si de tanta felicidade. Salvador, por sua vez, esforçava-se por mostrar-se superior, trazendo sempre de boa vontade as quantias vultosas para cobrir todas as despesas extras que a nova experiência social de Aurora lhe exigia.

Nas férias, a jovem não quis vir para casa, pois fora convidada para uma viagem até Paris, em companhia das novas amigas.

Embora muito saudosa, Maria achou providencial aquela decisão. Evitar-se-iam oportunidades para novo envolvimento.

Salvador, apesar de triste, aceitava tudo com relativa dose de gratidão. Intimamente agradecia aos céus que as coisas se encaminhassem de tal forma, pois estaria assim como que protegido daquela influenciação que reconhecia como verdadeira insanidade.

17

Passou-se o tempo e, numa das oca- I siões de férias, em lugar de Aurora vir, I solicitara a presença dos pais lá, para ofi- t cialização de seu noivado.

Mesmo sem o desejar, Salvador foi tomado de mágoa profunda.

Quis justificar, porém, de maneira débil.

- E que... bem, ela é tão criança, ainda.

—Não, Salvador. É impressão sua, já vai fazer dezoito anos. Está na idade de arranjar um bom casamento. Além disso, está no fim do curso colegial.

Em sua maneira de ver, Salvador perderia a filha. Outras mãos dirigiriam seu destino, iriam levá-la para mais longe, ainda

Os dias passaram rápido. Atendendo aos rogos de Maria, o marido procurou oferecer, nessa última participação como pai, a cobertura econômica para todas as necessidades da filha.

Atendeu ao convite, comparecendo à festa, despreendeu-se ao máximo de sua prerrogativa de pai, manteve-se distante, ainda meio agastado interiormente com aquele que lhe roubava o afeto filial.

Desde o primeiro momento, Leonel, o jovem pretendente, de fato, provocou-lhe certo mal-estar. Achava-o frívolo, um tanto preocupado com sua bonita estampa de rapaz adulado e considerado por aquela sociedade de falsos valores, como um pequeno deus. Custava-lhe acreditar que a filha o amasse, deveras.

Particularmente, o que mais influía sobre esse julgamento era o fato de manter-se o jovem sempre em pose de receptividade, como se, de fato, merecesse essa deferência, quando nenhuma atitude diferente, por parte dos outros, seria lícita.

Aurora, apoiada pela mãe, considerava-se a criatura mais feliz do mundo, agradecendo a Deus pela bela oportunidade que lhe surgia.

A data do casamento foi marcada. Aurora voltou ao lar para os últimos preparativos. A cerimônia nupcial seria na cidade do próprio romance e os projetos já estavam traçados, com todo empenho da família do noivo, para a demonstração de seu grande prestígio econômico-social.

Porém, certa manhã, um acontecimento veio abalar a paz que reinava em casa de Aurora: Salvador amanheceu seriamente doente. Preocupados, chamaram vários médicos, procuraram os especialistas, procederam-se aos exames necessários e, por fim, levaram-no para o hospital.

Cada vez mais, a situação se agravava.

Com receio de que aquele estado de coisas viesse a estender-se até o dia marcado para a grande recepção, Aurora telefonou ao noivo explicando-lhe e pedindo-lhe uma sugestão.

— Paciência" — disse-lhe ele. — Não vamos prejudicar nossos planos por causa disso. Se ele não melhorar, o jeito será realizarmos o casamento sem sua presença, mesmo. Dia vinte, irei buscá-la. Esteja pronta.

Sem forças para atender as duas solicitações, Maria confiou à amiga Lúcia os preparativos para o casamento, mantendo-se no hospital, à cabeceira do enfermo.

Os dias transcorreram debaixo de grande atividade para Aurora e a amiga, e de grande tristeza para Maria que sentia a morte aproximar-se do amado companheiro.

Com efeito, dia dezenove, a junta médica desobrigou-se moralmente, afirmando à esposa desolada que ele não teria mais que dois ou três dias de vida.

Nesse ínterim, Aurora recebia telefonema confirmando a vinda do noivo para buscá-la. Sem saber o que fazer, explicou-lhe:

— Papai está muito mal. Não tem mais que dois ou três dias de vida. Não poderei ir, Leonel. E preciso adiar nosso casamento.

— Você endoideceu, Aurora? Está tudo pronto! É um absurdo. Não vê que é o nome da família, que está em jogo? Não percebe que seria um escândalo sem precedente?

— Mas... sendo um caso de morte, todos compreenderão.

— Nada disso, minha querida. É sempre essa a desculpa que dão, quando se rompem os noivados à última hora. Você terá de vir, de qualquer maneira!

E cortou a ligação violentamente, o que colocou Aurora sob verdadeiro dilúvio de lágrimas.

— E agora? — perguntava à boa amiga. — Que poderei fazer? Como largar o papai nesse estado e enfrentar todo aquele aparato? Não terei cabeça para coisa alguma!

Lúcia esforçou-se por consolá-la, sem achar, ela própria, a melhor solução.

Foi até o hospital, encontrando ali a amiga totalmente desolada. Não teve coragem para dar-lhe a notícia. Voltou para casa.

Lúcia não conseguiu transmitir coragem a nenhuma delas. No dia aprazado, o noivo chegou, acompanhado da mãe, para levarem a noiva de volta. Encontraram-na também prostrada, na cama.

É que, não resistindo ao impacto de tantos problemas, viera-lhe uma súbita febre nervosa.

Preocupados, os dois recém-chegados chamaram um médico e escutaram sua explicação.

— Está sob esgotamento e não creio aconselhável levá-la de viagem nesse estado. Por que não adiam a cerimônia do casamento?

— Seria um horror! — objetou Leonel.

A mãe, contudo, mostrou-se cordata.

— Se não há outra solução... que fazer, não é?

O jovem não se conformava. Imaginava-se como tema de chacota por parte dos amigos. Já lhes escutava até mesmo as frases perversas:

"Abandonado ao pé do altar, hem?"

"Não adiantou tanta pose."

"É... afinal, pegaram-te, hem?"

"Finalmente, leva o que merece!"

Desarvorado com aqueles pensamentos, virou-se para a mãe e, intempestivamente, ameaçou-a:

— Pois ouça bem, minha mãe: se ela não for e não se casar comigo agora, nunca mais o farei!

E mostrou-se inabalável.

De nada lhe valeram os rogos da mãe, as ponderações de Lúcia, nada. Sua decisão era irrevogável.

Enchendo-se de coragem, Lúcia enfrentou a situação de extremo sofrimento da amiga e levou-lhe o ultimatum do noivo da filha. Maria, depois de chorar muito, pediu-lhe que a representasse em tudo

e que ajudasse Aurora naquela eventualidade, colocando-a em condições de seguir viagem. Que chamasse o médico, pedindo-lhe medicamentos adequados para aquela emergência.

Tudo foi feito conforme a solicitação da amiga e, finalmente, Lúcia, com muito carinho, conseguiu colocar a doente de pé, com relativa coragem para seguir viagem.

No hospital, já em estado de coma, Salvador não soube do que se passava. Contudo, pesarosa, Maria acompanhava mentalmente o sacrifício da filha querida.

Vencida pela cansaço, aquela noite, Maria adormeceu. Desprendendo-se do corpo, seu espírito vagou por regiões belíssimas, sentindo-se desligada de todos aqueles problemas e dona de absoluta felicidade. Chegara ao alto de um penhasco, vendo e ouvindo as ondas de um mar muito verde a bater nas rochas, a seus pés.

Súbito, uma voz conhecida chamou-a:

- Quem é?

A pessoa não se identificou, embora prosseguisse falando:

- Alguém que muito a ama.

- Gostaria que se mostrasse.

— Deixe isso para mais tarde. Agora, você não saberia de quem se trata. Ouça bem: não se preocupe tanto com o que se passa. Nós temos muito a aprender e devemos submeter-nos às Leis que regem nossa vida moral. Deixe que os fatos se cumpram. Mantenha-se de ânimo forte e confie em Deus. Ele não a desampará.

— Diga-me, quem é? Quem está me falando?

— Um dia nos veremos. Fique tranqüila.

Nesse instante, acordou com os gemidos do marido. Verificou a hora. Devia chamar a enfermeira, para administração do novo soro.

Enquanto assistia aos cuidados de rotina, lembrava-se do sonho maravilhoso, sentindo-se renovada. Não teve mais vontade de chorar e notou que encarava aquela situação agora de maneira diferente, enxergando-a de longe, do alto, como espectadora.

E assim se manteve até a desencarnação do marido, o que se deu três dias depois.

Ainda sob o influxo daquela maravilhosa visão, Maria, devidamente assistida de perto pela amiga sempre presente, pôde providenciar tudo, sem o mínimo esmorecimento.

Dentro de três dias seria a festa do casamento.

Corajosamente, telefonou ao futuro genro explicando-lhe e pedindo que poupasse a filha, escondendo-lhe o fato.

As bodas transcorreram conforme a previsão.

Aurora, mesmo sabendo que o pai deveria encontrar-se à morte, sentiu-se feliz e realizada.

Consolando-se da infelicidade com aquele fausto, Aurora lembrou-se de que talvez a mãezinha apesar de triste pudesse também recolher alguma alegria com o belo acontecimento.

Telefonou para o hospital, a fim de contar-lhe sua grande felicidade. Era já quase noite e haviam regressado do clube onde se realizara a festa.

Temendo qualquer reação do noivo proibindo-lhe tal gesto, afastou-se fortuitamente até o compartimento do telefone e, de lá, pediu a ligação.

Foi quando soube da morte do pai. A mãe já estaria em casa e o esperado — segundo informações da funcionária — ocorrera dias atrás.

Desolada procurou o noivo para consolo. Este, aborrecido porque ela lhe burlara a vigilância, admoestou-a com brandura

- Não devia ter feito isso. Pois eu já sabia. Quis esconder-lhe.

Ela o atalhou, com veemência:

- Já sabia e não me disse?

- Claro que não. Você não haveria de querer ir para lá e me deixar aqui com tudo, não?

Mais uma vez, Aurora plantou em seu coração a semente da mágoa, acordada em seu sentimento, revoltando-se intimamente com a insensatez do noivo. Que era aquilo senão a demonstração de um egoísmo feroz? Que a esperava pela vida afora, Santo Deus?

E, como haviam comprado as passagens para a Europa, no dia posterior, em lugar de ir para casa, como lhe mandava o coração, lá foi Aurora como um ser sem vontade, agarrada ao braço do marido, para o aeroporto, rumo ao Velho Continente.

Nunca lhe haviam surgido tantas maravilhas e tanta coisa estranha à frente e aquela girândola de costumes fez- lhe bem à alma. Renovou-se, também, pois o marido *tratava-a* bem, com carinho, fazendo-lhe as vezes de um perfeito cicerone, uma vez que havia estado já em alguns países que agora revisitava.

Aurora, preocupada com a mãe, quis telefonar-lhe ou escrever. Porém, o jovem dissuadiu-a. Telefonar não adiantaria. Se a mãe não estivesse bem, ficaria ainda mais preocupada.

- Mande-lhe um cartão. Isto, sim. Vamos enviar cartões também lá para minha família. Todos ficarão satisfeitos.

Aurora não conseguia, nesses últimos dias, obter sono tranqüilo. Bastava encostar a cabeça ao travesseiro para que lhe surgisse o rosto da mãe banhado em lágrimas a gritar-lhe o nome, chamando-a, com desespero.

Aurora contava o sonho persistente ao marido mas este atranqüilizava sempre, afirmando-lhe:

- Meus pais sabem onde estamos. Cada vez que nos mudamos, envio-lhes nosso novo endereço. Se houvesse qualquer coisa, já nos teriam avisado.

Certa manhã, todavia, bateram à porta do apartamento, no hotel luxuoso onde se hospedavam, em Amsterdã.

Leonel atendeu o camareiro que lhe estendia, numa salva de prata, um cabograma com a notícia: "Mãe de Aurora muito doente pt mande-nos endereços com precisão para qualquer emergência pt Abraços vg Papai Mamãe".

Sabedor de que tal notícia poria em risco sua viagem, Leonel imediatamente dobrou o papel, escondendo-o no bolso do roupão. Ao sair do banho, Aurora perguntou-lhe:

- - Quem era?

- O quê?

- Não bateram à porta?

—Não, nada. Foi engano do camareiro.

O pensamento de Leonel, contudo, carregou-se. E durante os dias subseqüentes modificou sua maneira de ser, tomando-se soturno e alheado.

Não conseguiu manter-se assim por muito tempo. Amora, notando, preocupou-se.

- Que foi, Leonel? Você está triste. É por minha causa?

Carinhosamente, ele procurou disfarçar, apontando- lhe um detalhe qualquer da praça onde se encontravam.

Entretanto, seu estado psíquico mudara. Por fim, sem poder conter-se, ele confessou à esposa:

- Estou cansado disto tudo.

- Cansado?

Para ela, cuja oportunidade de ali estar traduzia-se em tanta alegria, aquele tom soava de maneira estranha. Até que ele confessou:

- Estou preocupado com a família, Aurora.

- Com a sua?

- Sim, com a nossa. Não quer ir embora?

Um tanto pesarosa por deixar o belo cenário, ela concordou e, no dia seguinte, embarcavam no aeroporto da capital holandesa, de volta para o Brasil.

O pai de Leonel, avisado algumas horas antes, recebeu-os com certa circunspecção, falando algo

ao ouvido do filho.

- Sim, sim. Temos o carro pronto?
- Já está à nossa espera. Nosso motorista nos levará.

Ao chegarem à mansão, ela notou tristeza, cuidado no falar, olhares cruzando-se e extrema lividez no rosto da sogra. Não pôde deixar de notar também várias maletas colocadas já à porta da casa, como para uma viagem.

- A senhora vai viajar, dona Isabel?

Desajeitada, a senhora aproximou-se da nora, tomando-lhe a mão, carinhosamente.

- Todos iremos.
- Por quê? Algum problema? Aconteceu alguma coisa?

O marido veio ampará-la e, abraçando-a, disse, com certa energia:

- Não se preocupe. É sua mãe que não está bem. Todos nós iremos. Fique tranqüila.

A viagem transcorreu em silêncio. Quando chegaram à casa, Lúcia recebeu-os lacrimosa, notificando-os de que o enterro acabara de sair.

Aurora chorou muito, principalmente lembrando-se de que nem mesmo chegara a despedir-se da mãe, quando partira para realizar o casamento.

Pai e mãe adotivos perdidos de uma só vez!

A amiga e os parentes dedicaram-se a consolá-la levando-a para um hotel luxuoso, onde as imagens novas lhe diluíssem as recordações dolorosas.

18

Na Terra, o tempo deixa tudo para trás...

Semanas após o retomo, Aurora constatou que estava grávida. O jovem marido, encantado com a nova experiência, levou-a a especialistas e laboratórios para os devidos exames.

Em face do filho que viria, Leonel e Aurora, felizes, resolveram ir para sua própria casa, deixando a residência dos sogros. Mas, apesar da procura durante semanas e semanas, não conseguiram encontrar nada que lhes agradasse.

Então, buscaram entre os prédios de apartamentos, como última instância, pois Aurora não se sentia bem em lugares altos. Entretanto, foi o que conseguiram.

O apartamento era espaçoso, com vista para o mar.

Nunca havia morado num local assim com essa característica de altura e tal experiência, agora, parecia deixar Aurora um tanto enervada.

- Que foi? Não gosta, querida?
- Gosto, sim. É que não estou habituada. Não se preocupe.

Aquela foi, talvez, a época mais feliz de sua vida. Aurora passava seu dia entre os mimos que preparava para o tão esperado filho e as compras que efetuava com tanta prodigalidade. Era maravilhoso tentar imaginar como seria ele, como ficaria dentro daquelas roupas e malhas alvas.

Numa das vezes que se encontrava nas compras, ouviu um leve choro de criança e, levada pela curiosidade, chegou até o portal do magazine. Ali deparou com uma mulher de roupas rasgadas, em situação de extrema penúria, carregando uma criança aparentando de dois a três anos.

Não que lhe fizesse mal a visão da pobreza. Viera de uma outra capital onde aquelas cenas diárias se repetiam às centenas. Mas aquela criaturinha - havia qualquer coisa nela que lhe falava ao coração!

- Que tem o pequeno, dona?
- Está mal. Já fui, já estive lá no Posto. Disseram que era bom fazer este exame - e exibia na mão um papel bem amassado e sujo. — Sabe, dona? Estou juntando o dinheiro.

Condoída, Aurora tomou-lhe a receita e leu: Exame bacteriológico da secreção oro-faríngea.

Imediatamente, a memória transportou-a para o irmãozinho morto há vários anos, pela difteria, e

alarmou-se.

- Mas, ó senhora! Não pode ficar aqui esperando pelo dinheiro. Tem de ir imediatamente, pois, se o diagnóstico estiver certo, ele terá de receber assistência imediata.

Verificou o rosto abatido da mulher e uma resolução lhe acudiu à mente.

- Venha comigo - disse ela, encaminhando-se rapidamente para a rua movimentada e descendo ao meio-fio para providenciar um carro.

- Táxi! Táxi!

Após algumas tentativas, arrumado o carro, acomodou-se com a triste companheira a seu lado.

Após pedir ao motorista que os deixasse no laboratório, Aurora examinava a criança que apresentava muita dificuldade no respirar.

A pobre mãe olhava-a entre surpresa e agradecida, sem compreender exatamente o que se passava.

No laboratório, constatado o resultado positivo do exame feito na hora, a moça preparou-se para levá-los ao hospital, mas estacou, em face do adiantado da hora. Porém, sabia que se abandonasse os dois seres humildes naquele instante seria como se cometesse um crime.

Telefonou para o apartamento. Leonel, totalmente apreensivo, já ali se encontrava, aguardando-a para o almoço.

- Onde está você, criatura?

- Aqui no laboratório.

Assustou-se:

-Não está bem?

-Não é isso, meu querido. Estou maravilhosamente bem. E que...

E narrou, concisamente, o que se passava.

Ele, de lá, indignou-se:

- Ora essa. Se quer ajudá-la, dê-lhe dinheiro. Por que precisará ir, também? Pense em seu estado. Venha embora, ande! Não me deixe aqui sozinho, que fico furioso. Você sabe disso.

Carinhosamente, Aurora deu-lhe algumas instruções para transmitir à empregada e, apesar dos rogos e ameaças, desligou o telefone rapidamente, pedindo ao funcionário do laboratório:

- Por favor. Quer ligar para a Casa de Saúde Santa Filomena? Diga-lhes que providenciem tudo, urgente, sim? Explique-lhes o caso, para irem adiantando...

Desceram, ela procurando apressar a pobre criatura que nem mais andar, quase, conseguia. Apanharam outro táxi e rumaram para o hospital.

O encaminhamento foi rápido, conforme pedira.

Assim que colocou os dois no apartamento solicitado, Aurora, depois 5 de haver pago a quantia necessária e de S haver recomendado que a assistência fosse completa, regressou à residência a tempo de encontrar o jovem esposo sob grande excitação.

— Você está louca. Não vê que precisa de repouso? Poderia até contaminar a criança, ora Quando adquirirá juízo, Aurora?

Ela, com meiguice, explicou-lhe que fizera o que lhe ditara o coração. E que, se não houvesse providenciado o tratamento do menino, sentir-se-ia como criminosa.

Uma hora depois, telefonou ao hospital. De lá informaram-lhe que a criança estava sendo submetida a uma traqueostomia (lembrou-se do irmãozinho!) e que a mulher se ausentara para ir ver os outros filhos que haviam ficado sozinhos, em casa.

Condoída, Aurora, aproveitando-se da saída do marido para o trabalho, chamou novamente um carro e foi até a Casa de Saúde.

Lá permitiram-lhe que visse a criança, que apresentava, já, certa reação positiva.

Feliz com aquilo e sentindo-se de certa forma responsável pela salvação daquela vida, agradeceu, numa rápida prece, a oportunidade que o Senhor lhe oferecia, para a prestação do serviço fraterno.

Deixando instruções para que nada faltasse ao pequeno, a jovem retomou ao lar.

Na manhã seguinte, foi surpreendida, ao telefonar pedindo notícias, com a informação de que a mãe não regressara mais.

O enfermo, no entanto, melhorara consideravelmente.

Preocupada com a contingência da mãe ausente, procurou inteirar-se do endereço que ela dera, ao fazer a ficha para o internamento.

Âpós anotá-lo, pediu a um motorista de táxi que procurasse aquele bairro e aquela rua. Rodaram durante toda uma tarde e não descobriram o endereço.

Procurou o auxílio de um amigo da família, advogado de boas relações sociais.

- Dona Aurora, temo que lhe tenham deixado um abacaxi em mãos.

Por quê?

- E comum essas aventureiras procederem assim. Percebendo seu coração generoso, julgou mais interessante transferir-lhe o encargo.

-Mas...

- E, além disso, talvez o garoto nem lhe pertença. Geralmente dão-se casos de empréstimo e até de aluguéis de crianças na sensibilização pública para a esmola

Aurora refutou a suposição. A mulher havia levado o pequeno ao posto médico, sim. Prova disso estava no pedido de exame de laboratório...

Ele continuou, sem embaraçar-se:

- Enfim... a senhora pode entregar a criança ao Juizado de Menores. Se desejar, posso ocupar-me dessa parte legal.

- Não... isto é, ainda não. Depois. Deixe-me ir vê-la primeiro. Obrigada, sim?

No apartamento luxuoso da casa de saúde, a criancinha se recuperava entre tantos aparatos utilizados no seu tratamento. Os olhos muito vivos fixaram-se nela, como se a reconhecessem. Nesse momento, Aurora pareceu ouvir que a chamavam pelo nome. Era uma voz soando dentro de si. Parecia dizer:

- Não me abandone. Leve-me com você!

Sacudiu a cabeça, como se desejasse espantar aquela sugestão absurda. Todavia, a voz interior continuava a falar-lhe de maneira perfeita e inteligível:

- Eu lhe pertença. Foi o Senhor quem me mandou. Não me abandone!

- Meu Deus! Que será isso?

Sentiu-se mal e a enfermeira, pressentindo-o, indagou, pressurosa, estendendo-lhe uma cadeira:

- Que foi, madame? Não se sente bem?

-Não, isto é, estou bem, sim. Pode... poderia arrumar-me um pouco de água?

O mal-estar passara. Mas aquela impressão e as palavras haviam se conservado em sua memória. Contou ao marido, que a dissuadiu.

- É o seu estado, querida. Tudo estará bem. Deixe que nosso bom amigo Alfredo arrume tudo. Para isso é advogado e entende dessas coisas. Agora, vamos pensar em coisas alegres. Não pretendo vê-la preocupada, nem admito que volte àquele hospital. Essas emoções podem lhe fazer mal... Pediremos à mãe que se incumba de ir visitar o menino e providenciar sua recuperação, além de um bom tratamento. Deixe que ela cuidará de tudo.

Conforme prometera, Leonel transferiu à boa senhora a incumbência.

Diariamente, Aurora lhe telefonava pedindo notícias e fazendo sugestões. A sogra, solícita, atendia-a de bom grado. Finalmente, um dia, ligou para a nora e deu-lhe a nova, de maneira auspiciosa:

- Tudo regularizado! O dr. Alfredo já providenciou a remoção do menino para o orfanato São Benedito, na zona norte. Lá, ele estará muito bem, minha querida. Pode ficar tranqüila

A rigor foi uma notícia triste para Aurora Contudo, logo se desviou do assunto para prestar atenção no seu organismo que anunciava a chegada do tão esperado filho.

A criança, de fato, chegou, trazendo, no entanto, certo descontentamento, pois era miúda e de aparência doentia.

Pretenderam esconder o fato de Aurora. Mas esta percebeu-o, desde que a trouxeram para alimentar-se.

Nada quis falar ao marido, pensando poder poupá-lo, mas logo notou que todos procuravam disfarçar o mal-estar que os dominava.

Os primeiros meses foram dedicados aos exames e tratamentos, os mais especializados.

20

Ante as dificuldades do bebê, os avós não tinham coragem de tocar no assunto com a jovem mãe. E Leonel, desencantado, muito menos. Aurora, julgando-se culpada por haver gerado aquele ser tão frágil, absorvia e aceitava toda a culpa que (parecia-lhe) a família lhe deveria imputar.

A criança, com o tempo, evoluía fisicamente, mas muito devagar.

Certo dia, Leonel conseguiu falar aquilo que pretendia e que guardava consigo há tempo:

- Aurora — proclamou ele, com solenidade. - Não creio que o que lhe vá dizer seja alegre e temo, ao contrário, que a vá ferir muito. Contudo, tenho que ser sincero comigo mesmo.

- Que é, Leonel?

- Acredito... bem, isto não é fácil de dizer, mas não vá recriminar-me, hem? Acredito... que será bem menos penoso para todos nós, se colocarmos Amelinha numa clínica especializada.

Aurora levantou-se, num ímpeto de revolta:

- O quê? Mandar nossa filha para mãos estranhas? Nossa única filha?

- Eu a preveni de que você talvez não gostasse da idéia. Pense bem. O que podemos nós fazer por ela, coitadinha? Uma enfermeira poderá cuidar ainda melhor, porque tem prática e, além do mais, estará recebendo uma boa quantia mensal para isso. Se não quer enviá-la para uma casa especializada, contratemos, então, governantas que se revezem... enfim, já é alguma coisa... você se desobrigará de tanto sacrifício...

Todos os argumentos expostos não conseguiram demover Aurora de sua intenção de cuidar pessoalmente e em todos os instantes da vida daquele frágil ser.

E, como já não pudesse acompanhar o marido em sua vida social, Leonel passou a sair sozinho todas as noites e a voltar bem tarde para casa.

A esposa, a princípio, ressentiu-se com o fato. Depois, percebendo que fora ela mesma quem se

recusara a deixar a filha sob cuidados de estranhos, aceitou os novos hábitos do jovem esposo e não o recriminou.

Tempos depois, Aurora se tomara triste e definhara, pelos excessos a que se expunha para se dedicar à filha de saúde delicada.

Ao contrário, Leonel não se deixara abater. Era o mesmo jovem belo e estuante de vida. Os amigos o requisitavam sempre por telefone e, como soubessem que a esposa já não o acompanhava, nem mesmo se davam à gentileza de estender-lhe os convites, tratando-a, às vezes, como mera empregada.

Consciente de que a responsabilidade era sua, a criatura a tudo suportava, não sem uma vez ou outra surpreender-se com mágoa, fitando o esposo totalmente alheio a ela e à criança.

Chegou o Natal daquele ano. Aurora não poderia ir à casa dos sogros, pois não se encorajava a deixar a filhinha com a empregada.

Contudo, depois de insistentes pedidos da sogra, resolveu levar a criança, fosse por que meios fosse.

Agasalhou-a, colocou-a nos braços da babá e aprontou-se.

O marido, porém, que ficara de vir para apanhá-la, não aparecia.

A hora marcada para a festa encontrou-a ainda em casa, esperando por ele. Ansiosa, a sogra telefonou-lhe e ela explicou o motivo do atraso.

A boa criatura mandou-lhe o carro com o motorista.

A festa arrastou-se sem brilho algum, com as duas - a esposa e a mãe - bastante preocupadas com o ausente e tentando esconder esse sentimento uma da outra.

Levada para casa com a criança, ali permaneceu insone, até a madrugada.

O mesmo aconteceu à velha senhora que, logo pela manhã, telefonou-lhe indagando pelo filho.

- Aurora, bom dia, meu bem.

- Bom dia, dona Isabel.

- Leonel apareceu?

- Não, senhora. Estou muito preocupada.

- Mas... não lhe enviou algum recado, algum aviso, nada?

- Nada, até agora.

- Está bem. Vou falar com Gilberto, ver o que devemos fazer.

Aquele dia transcorreu também debaixo de grande apreensão, até que, à noite, o sogro telefonou-lhe com a voz embargada pela emoção.

- Escute, Aurora. Não se assuste, ouviu, meu bem... O Leonel...

- Ele está bem? - perguntou ela, aflita.

- Sim, isto é... Sofreu um acidente e está no Hospital Modelo. O médico disse que é muito gra...

- Ele está mal? - insistia ela, transtornada.

Do lado de lá ele desligara.

Sem saber o que fazer e pela primeira vez naqueles muitos meses em que jamais confiara a filhinha a terceiros, acabou deixando-a sob os cuidados das empregadas, saindo sob forte emoção.

No hospital, encontraram-se os três, lívidos como cadáveres, para escutar a sentença inexorável.

Leonel falecera. Vítima de desastre terrível, permanecera durante muito tempo entre as ferragens, até que viesse o socorro solicitado por populares. A violência do impacto fora demasiada e ele não conseguira resistir. Ao dar entrada no pronto-socorro, piorou. Levaram-no, então, para aquele hospital, onde já chegou morto.

Transcorreram dias cruéis para Aurora que, afinal, recorrendo freqüentemente à oração, terminou finalmente por encontrar o conforto de que tanto necessitava.

Atraindo a si a filhinha débil, confessava-se amorosamente com o Pai Criador, agradecida pela oportunidade de se doar, por inteiro, àquela criaturinha.

E, numa das vezes em que o fazia, lembrou-se daquela outra criança que um dia ela salvara da morte e que fora relegada tão tristemente a um asilo.

Intimamente, prometeu procurar o meninozinho, onde quer que estivesse.

Para tanto, buscou o auxílio do amigo advogado. Te- lefonou-lhe pedindo:

- Dr. Alfredo, por favor, onde foi mesmo que colocaram aquela criança tratada de crupe, lembra-se? É, aquela que minha sogra e o senhor colocaram num orfanato. Queria saber o nome da casa.

- Ah, sim, dona Aurora Deixe-me ver, foi, é, parece... é, tenho certeza, agora Foi para o orfanato de São Benedito. A senhora pretende ir visitá-lo?

- Não é bem isso, dr. Quero é simplesmente adotá- lo. E preciso que o senhor verifique essa parte para mim. Poderia fazê-lo, por obséquio? Mas, enquanto isso, peço- lhe encarecidamente que me forneça o endereço e verifique o nome do menino, para que eu possa identificá-lo.

Dois dias depois, o causídico informou-a sobre o que desejava. O garoto fora registrado com o nome de Hélio.

Marcou, por telefone, entrevista com a diretora do abrigo e compareceu. Era uma tarde bastante fria e, ao entrar, viu todas as crianças com agasalhos que julgou deficientes, no seu entender. O menino foi-lhe trazido logo e encantou-a pela garrulice e vivacidade. Moreno, de grandes olhos negros, lembrava-lhe um pouco a imagem de Salvador. Assaltada por uma grande ternura, puxou-o para si, abraçando-o.

Depois, olhou as outras crianças que também se aproximavam parecendo encantadas com aquela figura tão bonita, bem amimada, e parecendo tão carinhosa Uma grande ternura apossou-se de seu ser e ela se ajoelhou entre os pequenos distribuindo-lhes beijos e abraços.

Era como se descobrisse naquele instante a existência de um mundo totalmente diferente de tudo quanto conhecera até agora.

Saiu dali duas horas depois, preocupada por haver se demorado tanto, uma vez que deixara sua pequena em casa, nas mãos da babá.

O percurso do táxi até seu apartamento foi como um sonho em que ela se revia no meio daquelas crianças mais saudáveis do que sua filha, mas, ao mesmo tempo, tão carentes.

Não teve dúvidas ao abraçar a filhinha, quando chegou. Percebeu o quanto seria bom se ela pudesse estar no meio daqueles pequeninos, contagiando-se com a estuante vivacidade deles, aproveitando algumas de suas brincadeiras ou simplesmente observando-lhes a correria.

Tomou uma resolução. Dali para a I frente, levaria sua menina até o orfanato, diariamente.

Assim o fez. Após um mês, notou que o garoto Hélio se afeiçoara sobremaneira à pequena, deixando os folguedos para vir fazer-lhe companhia, procurar atrair sua atenção e fazê-la rir-se e brincar, o que a menina já conseguia, com certa dificuldade.

Aquele desvelo do menino para com a pequena visitante fê-la pensar muito. Qual o motivo daquela atração? O garoto não tinha ainda idade suficiente para dissimular ou forçar uma atitude. Mesmo que a possuísse, não poderia estar sendo movido pelo interesse, porque ela não lhe revelara coisa alguma a respeito de sua intenção de adotá-lo. Na realidade, Aurora percebia, por detrás das aparências, qualquer coisa que não conseguia explicar. Lembrou-se das palavras ouvidas dentro de si, aquele dia, no hospital.

Era como se o menino fosse mesmo ligado à sua alma de maneira estranha e de forma inexplicável.

Manteve longa palestra a esse respeito com a diretora da instituição, pessoa criteriosa e capaz de identificar no mesmo diapasão a visitante que se colocava à sua frente.

- Ele é mesmo um menino extraordinário. Parece-me bastante adiantado, em matéria de inteligência. Ainda não recebemos a visita de uma psicóloga para os testes, mas tenho a impressão de que este menino é muito bem dotado... E, se for, será uma pena que permaneça aqui, onde não temos recursos para uma boa instrução.

Aurora prometeu-lhe, então, providenciar a psicóloga para a avaliação pretendida. Ao mesmo tempo, comparava mentalmente: enquanto o garoto lhe parecia além da média, sua filha não tinha vivacidade, permanecendo, às vezes, alheia ao que se passava ao seu redor.

Enquanto isso, os pais de Leonel, preocupados com as saídas diárias da nora com a netinha, procuraram-na uma noite para sensibilizá-la sobre o fato.

- Aurora, minha querida Não acha perigoso manter nossa Amelinha em contato com aquelas crianças sujas? Podem transmitir-lhe alguma doença.

Apesar de um pouco irritada, a nora acabou por rir-se, lembrando-se melancolicamente da situação precária de sua filha em face da normalidade dos outros. Eles eram mesmo diferentes - pôde explicar carinhosamente ao casal - mas porque eram crianças normais e relativamente sadias, embora lhes faltasse, não raro, roupas e toda a assistência que mereciam.

- Então, Aurora, você sente isso?

- De fato, dona Isabel. As crianças, lá, são alegres e vivazes. Não tão alegres quanto seriam, certamente, se tivessem um lar normal, com pai e mãe, mas nada apresentam de sujeira ou doenças contagiosas. Recebem um tratamento compatível com os recursos que lhes advêm do governo e das contribuições da sociedade.

Sorriu, tristemente, lembrando-se das manobras de economia para o bom aproveitamento de tudo, executadas pela diretora e funcionários.

A sogra, dirigindo-se ao marido, confessou-lhe:

- Creio que também deveríamos ir lá... fazer uma visita, levar uma contribuição.

O esposo assentiu, enquanto ela continuava:

- Em memória de nosso Leonel.

22

Nada mais espetacular que a desco- i berta de um mundo moral mais elevado í do que aquele em que se vive.

O casal, na semana seguinte, combinou com Aurora. Na hora aprazada estavam à porta do prédio, com o carro e o motorista esperando a nora e a netinha para a visita desejada.

Como sempre, as crianças os receberam com grandes expressões de alegria e entusiasmo. Em especial o pequeno Hélio que veio prontamente e beijou com desembaraço tanto Aurora quanto a

criança.

Os velhos encantaram-se com aquela expressão de carinho do garoto e quiseram saber sobre ele.

A nora contou-lhes, mas teve o cuidado de esconder-lhes o seu desejo de adotá-lo. Temia uma recusa por parte deles e quis poupar-se.

Como houvessem gostado muito daquela manhã passada no meio das crianças, marido e mulher comprometeram-se a voltar e assim o fizeram. Com o passar do tempo, as visitas se amiudaram e, por fim, já não conseguiam ficar um só dia sem ir até aquele verdadeiro reinado de alegria. Várias crianças, em particular, haviam se afeiçoado a esta ou aquele, se não a ambos. Chamavam-nos de vovó, vovô, e recebiam-nos com enorme gritaria, como se realmente cada visita lhes representasse muito. Particularmente o pequenino Hélio se afeiçoara a todos. Não conseguia, porém, desgarrar-se de Amélia, parecendo viver com intensidade e carinho o problema da garota.

Isso punha os avós em extrema solicitude para com ele.

- Imaginem - diziam — tão pequeno e tão generoso. Que coração!

Esse estado de coisas prolongou-se até o fim do ano, quando eles, renovados, resolveram preparar uma grande festa de Natal para os pequenos.

Contudo, mesmo desfrutando daquela maravilhosa adesão, Aurora percebia que os sogros não alimentavam nenhum projeto para o futuro. E ela queria, com veemência, tomar Hélio seu filho legítimo e levá-lo definitivamente para casa, dar-lhe um lar. O casal, no entanto, não compreendia aquele desejo, pois considerava aquelas manhãs passadas em companhia das crianças como suficientes para conferir ao coração da nora a mesma paz e alegria que lhe traziam também, sem maiores compromissos.

Certa manhã, porém, Aurora e a criança não puderam acompanhar o casal à visita costumeira, pois a pequena amanhecera resfriada.

Como se tratasse de coisa sem importância, os avós seguiram sozinhos para a creche.

Lá, como sempre, registraram a alegria e o carinho da garotada que os esperava.

Hélio, porém, perguntou-lhes:

- Por que Amelinha não veio?

Os dois contaram-lhe que ela estava doente.

Preocupado e pondo o dedinho sobre os lábios, ele lhes pediu.

- Silêncio. Vamos fazer uma prece ao Papai do Céu para ajudá-la.

Surpreendidos, os visitantes se entreolharam, enquanto escutavam a prece do menino, ajoelhado ali no pátio, à sua frente.

- Papai do Céu, Amelinha está doente e eu não quero que ela morra porque gosto muito dela. Se fosse sua irmãzinha, o Senhor também não gostaria se alguém a levasse embora?! Por favor, ouviu, Papai do Céu? Não me faça chorar, hem?

De tal forma aquelas palavras os surpreenderam e com tanta intensidade, que o ergueram do chão, enchen-do-o de beijos.

Cismada, a avozinha, como era chamada a sra. Isabel, de quem o desejo da nora, a essa altura, já era conhecido, perguntou, então, à diretora:

- Alguma coisa foi dita ao pequeno? Ele já sabe, por acaso, que Aurora gostaria de adotá-lo?
- Absolutamente, madame. Nós temos o cuidado de não deixá-lo perceber, uma vez que dona Aurora não tem ainda certeza se poderá ou não concretizar esse sonho.

Muito surpresos, de volta para casa, os cônjuges conversavam no carro:

- Alguma coisa há. Com certeza escutou algo ou simplesmente desconfia.
- Vamos experimentá-lo - sugeriu a velha senhora.

↳ -De que modo?

-Mantendo-o sem a presença da menina e testando-o. Dar-lhe-emos a desculpa de que Aurora não poderá mais levar Amelinha, mas que nós iremos no lugar dela e lhe levaremos muitos doces e roupas bonitas.

Gostando da experiência, no dia seguinte, aproveitando-se da ausência da nora e da neta que ainda se conservava em tratamento, Isabel e o esposo encheram-se de presentes e guloseimas, decididos a levar avante seu plano.

Lá, a pretexto de não poder caminhar por ter a pema doendo, a velha senhora conservou-se numa das dependências e mandou o marido chamar o menino. Este, como sempre, imediatamente perguntou por Amelinha.

- Por que ela não veio? Está doente, ainda?

Então, as visitas lhe disseram aquilo que haviam planejado ao mesmo tempo que lhe entregavam os pacotes e as guloseimas.

Porém, o menino se manteve irredutível.

- Ah, eu não queria nada disso. E muito bonito. Mas eu não queria. Preciso ver Amelinha. Onde está ela? Não posso ir lá, onde ela está?

E, para completar a maravilhosa atitude, abraçou-os e beijou-os como agradecimento pelos brinquedos, mas recolheu-se a um canto, aborrecido e sem brincar.

Os velhos, encantados com aquela reação, sentiram a lógica das intenções da nora. Com certeza, ela se deixara tocar pelo coração, antes deles.

Convictos de que a meninazinha já deveria estar melhor, confabularam com a diretora e, muito felizes, fizeram a comunicação ao garoto, alegremente:

- Hélio, vamos levá-lo a passear e visitar Amelinha
- É verdade? Tia Eugênia vai deixar?
- Vai, sim. Pode ir vestir-se. Ei, espere, filho. Não vai recolher seus presentes?

Na euforia, o garoto se esquecerá dos mimos recebidos.

- Sim, senhora, vovó.

Foi uma alegria o encontro dos pequenos. Amelinha o reconheceu logo e gritou de contentamento, ao vê-lo surgir.

Aurora mostrou-se encantada com a surpresa e abraçou agradecida os sogros, que assim a premiavam.

Os recém-chegados, felizes, concordaram com a crença da nora.

- Você tem razão - disseram eles. — Esta criança parece, mesmo, muito nossa.

E, voltando-se para o marido, Isabel recomendou:

-Não nos esqueçamos, porém, das outras, também, hem, Gilberto?

- Que é?

-Não os deixemos desamparados de nossa atenção. Não vamos providenciar a compra de brinquedos para nossa festa de Natal?

- Sim, tem razão.

E a imagem da Vida renovou-se para eles, cada vez mais. Depois desse Natal festivo, outros

vieram e outras festas. Eles haviam descoberto o alimento das almas, aquele único que certamente apazigua os íntimos sem deixar nenhum mal em consequência.

Haviam feito a descoberta do Amor!

A *Descoberta do Amoré* uma narrativa característica do que seja a existência terrena, pois exemplifica a volta de entes que nos amam para nova encarnação

ao nosso lado. Não temos da vida senão aquilo que dela fazemos. Por isso, a tranqüilidade, a paz e a segurança são conseguidas pela maneira de nos conduzirmos, pautando nossa conduta pelas Leis Divinas.

O verdadeiro pai de Aurora, tirado cedo do palco existencial, tendo conseguido erguer-se, em parte, graças à ajuda da esposa, cujos exemplos dignificantes ofereceram a ele um suprimento maior de confiança, voltava agora na condição um tanto deficitária de Amelinha. Aquela fragilidade constituía um dos dados especialmente acrescentados ao seu processo de reencarnação, a fim de unir ainda mais a família, sensibilizando especialmente o jovem pai, Leonel, caracterizado pelo egoísmo em altas doses e que, entretanto, desbaratou a existência agindo como suicida inconsciente.

Com o passar dos anos, a criança se recuperaria tornando-se normal e aprenderia com Hélio e os familiares a vida fraterna, auxiliando a outros necessitados.

Nós não precisamos nos esforçar para descobrir que Hélio poderia perfeitamente ser o próprio irmão de Aurora, Joãozinho, já enviado por mãos invisíveis ao seu convívio.

No pretérito, fora delinqüente, irmão do primeiro. Como este, caminhara fora da lei e cometera crimes e desatinos até que, apanhado, sucumbira por enforcamento, por isso, a morte pelo crupe.

Trazidos ambos, Amelinha e Hélio para junto de Aurora, as duas almas vinham novamente para o regaço daquela que, em épocas anteriores, fora sua mãe e sofrera muito com a rebeldia dos filhos, inconformados com os processos de evolução pelos quais todos passamos.

Esse inconformismo ocorre por responsabilidade do próprio Espírito que não se desvencilhou dos dramas que o traumatizaram e persiste caindo e recaindo nos mesmos episódios, como se estivesse sendo sugado por um redemoinho sem fundo. Sem o perdão, o Espírito não consegue livrar-se da idéia fixa que o faz permanecer no mesmo estágio, repetindo os lances dramáticos.

Livrar-se-ão as criaturas sob tal injunção á partir do momento em que possam desligar-se dos traumas, superando-os através de uma compreensão maior e do perdão.

Por sua vez, Leonel continuava com seu traço pronunciado de egoísmo, não querendo aceitar a figura da filha colocada na posição de criança necessitada e do outro, na de enjeitado. Estróina e estouvado, terminou por ser retirado do cenário por sua própria incúria.

Aurora, que ao lado da mãe Amélia colocava-se como a mais evangelizada do pequeno grupo, permanecia em seu apostolado de reerguimento e renovação dos que dela dependiam.

Quanto aos pais adotivos, Salvador e Maria, estes foram meros amigos que aceitaram, temporariamente, o encargo para manutenção de Aurora, como, em outras ocasiões encarnatórias, já haviam procedido de maneira semelhante.

O interesse amoroso menos edificante da parte de Salvador pela filha adotiva não passara de um envolvimento de caráter obsessivo que o teria levado a cometer desatinos, se a companheira não houvesse aproveitado a oportunidade para encaminhar Aurora para seu destino (fazê-la conhecer Leonel e levá-la ao matrimônio).

A mãe Amélia, que tão devotadamente se dedicara a eles como viúva, era a avó de todos, colocada no seu apostolado redentor como a figura nobre de doação sem limites. Por ser tão boa, conforme percebemos, recebia ajuda de tudo e de todos, cada vez que lhe surgiam grandes dificuldades.

A experiência de Maria, em desdobrimento, foi expediente mediúnico de que Amigos Espirituais se utilizaram.

Ela precisava receber encorajamento para a prova que sobreviria com a morte próxima do marido. Quanto a Aurora, as vozes interiores seriam provavelmente de seu Protetor para estimulá-la

à adoção de Hélio.

Também a personagem Amélia (mãe) é utilizada pelo narrador para mostrar um contato mediúnico, reforçando a emoção de um reencontro do passado, provavelmente com o Espírito Mauro, que assim se identificava no plano espiritual.

Os pais de Leonel foram chamados à visão maior da Caridade pela benfeitora Aurora. Necessitados de fundamentar verdadeiramente a vida e já chegados ao término da existência com visão ainda superficial e medíocre do mundo e das coisas, tiveram a oportunidade excepcional de se voltarem para os necessitados, refazendo a sua noção de valor moral e existencial.

Nada melhor para quem chega ao fim da vida com a aparência de superficialidade social e moral do que o contato com creches, orfanatos e abrigos para velhos.

Estas aproximações agem como verdadeiras duchas, tirando a modorra e desembaraçando avista, após o entorpecimento de certas existências.

Assim, muitas almas salvam sua encarnação nos últimos anos da vida, com uma remodelação inesperada e de efeito redentor.